

Um Perfil da TV Brasileira

(40 anos de história: 1950-1990)

Sérgio Mattos

Editado pelo Capítulo Bahia da Associação Brasileira de Agências de Propaganda e Empresa Editora A TARDE S/A

Salvador – Bahia – Brasil

1990

Um perfil da TV Brasileira (40 anos de história: 1950-1990)

Copyright by Sérgio Augusto Soares Mattos, 1990

Primeira edição, 1990

Capa: Reinado Gonzaga

Diagramação: Jaílson Castro

Montagem: Pedro Peixinho de Castro Júnior

Composição e revisão: A TARDE

Fotolito: Rafael Rosa

Ficha catalográfica:

M435u Mattos, Sérgio, 1948 –
Um Perfil da TV Brasileira: 40 ANOS DE HISTÓRIA -
1950/1990/Sérgio Mattos. – Salvador: Associação
Brasileira de Agências de Propaganda/ Capítulo
Bahia: A TARDE, 1990.

Bibliografia.

1. Comunicação de massa – Meios.
2. Televisão – História – Brasil. I. Título.

CDU - 659.3

654.19(091)(81)

SUMÁRIO

■ APRESENTAÇÃO

ESTE LIVRO E SEU AUTOR
MEMÓRIAS ABAP

■ 1. ORIGENS E DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA TELEVISÃO BRASILEIRA

INTRODUÇÃO

1. FASES DO DESENVOLVIMENTO

1.1 A fase elitista (1950-1964)

1.2 A fase populista (1964 – 1975)

1.3 A fase do desenvolvimento tecnológico (1975 – 1985)

1.4 A fase da transição e da expansão internacional (1985 – 1990)

■ 2. ESTUDOS SOBRE A TELEVISÃO BRASILEIRA

2. DESCRIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DO CONHECIMENTO EXISTENTE

2.1 Aspectos histórico da televisão

2.1.1 Aspectos gerais

2.1.2 Aspectos específicos

2.2 Aspectos sociais

2.2.1. A televisão, sua mensagens, influência e efeitos sociais (Produção e recepção das mensagens)

2.2.2. Programas televisivos

2.2.2.1. Programas infantis

2.2.2.2. Telejornalismo

2.2.2.3. Telenovela

2.3. Aspectos políticos

2.4. Aspectos econômicos

2.4.1. A televisão e sua estrutura

2.4.2. A televisão como veículos dependente

2.5. Informações complementares

2.5.1. Audiência e televisão

2.5.2. Educação, satélite e televisão

2.5.3. Cinema, literatura e televisão

■ 3. CRONOLOGIA DA TELEVISÃO BRASILEIRA (1995 – 1990)

3. SÍNTESE CRONOLÓGICA DOS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS

■ 4. BIBLIOGRAFIA

APRESENTAÇÃO

Durante o ano de 1990, mais precisamente no dia 18 de setembro, a televisão brasileira comemora o seu 40º aniversário. Nada melhor para registrar o fato do que a publicação de um livro como este, onde se resgata a trajetória histórica da televisão, registrando-se as influências socioculturais e políticas que interferiram direta e indiretamente no seu processo de desenvolvimento.

Este livro, de caráter eminentemente descritivo e fundamentado no conhecimento existente, é parte do trabalho de pesquisa que estamos desenvolvendo e que integra o projeto de um Estudo Comparativo dos Sistemas de Comunicação Social no Brasil e no México", do qual estão participando pesquisadores brasileiros e mexicanos. O projeto, idealizado pelo professor José Marques de Melo, é promovido pela INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) e pelo Consejo Nacional para la Enseñanza y la Investigación de las Ciencias de la Comunicación (CONEICC/México).

Este projeto de pesquisa comparativa conta com o apoio do CNPq (Brasil) e CONACYT (México) e visa a buscar uma compreensão global de cada um dos seguintes subsistemas de comunicação social dos dois países: Imprensa, Rádio, Televisão, Cinema, Culturas Populares, Comunicação Emergente, Informatização e Inovações Tecnológicas, Ensino de Comunicação e Políticas de Comunicação.

Há um pesquisador brasileiro e outro mexicano para realizar o estudo de cada subsistema. Depois do levantamento global realizado em cada país, os pesquisadores, atuando aos pares, vão realizar a análise comparativa de cada subsistema, considerando-se suas diferenças e semelhanças dentro dos respectivos contextos sócio-econômico, político e cultural.

A publicação deste texto, reunindo parte do trabalho que já realizamos, justifica-se: primeiro, pela contribuição, apesar de modesta, àqueles leitores interessados no desenvolvimento deste meio de comunicação de massa no Brasil; segundo, pelo momento histórico vivido pela televisão que, ao completar 40 anos, atinge também, além de sua maturidade, um alto nível de qualidade técnica que lhe permite competir no mercado internacional, exportando seus programas para dezenas de países.

Salvador, agosto de 1990

Sérgio Mattos, Ph.D.
Professor Adjunto IV da
Faculdade de Comunicação da
Universidade Federal da Bahia

ESTE LIVRO E SEU AUTOR

Começo este prefácio falando de mim mesmo, em vez de começar falando sobre o

autor e seu trabalho. No entanto, não vou propriamente falar de mim – o que não teria o mínimo cabimento – mas de um costume que tenho, contraído por força do hábito na rotina do jornal, qual seja o de acompanhar de pequenas corrigendas, feitas a lápis, a leitura de certos textos que me dão a conhecer. Claro que as observações feitas assim não têm sentido compulsório; o dono do trabalho fica com inteira liberdade para aceitá-las ou não; sendo colocadas a lápis, basta um leve esfregão de borracha para sumirem do papel, retornando a página à limpeza primitiva, e talvez, em troca de limpeza, devolvidos os equívocos que o censor amigo procurou suprimir.

Em alguns casos, esse costume, bem intencionado mas impertinente, reconheço, leva-me a invadir o pensamento do autor do texto, propondo linguagem diferente para a idéia que ele quis expressar, a fim de melhor situá-lo perante o futuro leitor. Pois foi isso o que aconteceu quando me pus a ler este trabalho de Sérgio Mattos.

Vejam o que sucede quando se age precipitadamente, como agi. É que não gostara, a princípio, da maneira como ele se refere ao seu próprio trabalho, tendo-me parecido que se antecipava, como o auto-elogio, ao julgamento que terceiros viessem a fazer. Na apresentação do trabalho, diz ele que "nada melhor para registrar"(o 40_ aniversário da televisão brasileira) "do que a publicação de um livro como este". Sugeri a alteração da frase, para diminuir a importância que ele atribuía ao livro. Entretanto, ao terminar a leitura dos originais, voltei à primeira página e apaguei a observação escrita a lápis, porquanto o que poderia ser tomado como imodéstia não é senão a justa consciência do valor de um trabalho feito com grande esforço, trabalho que representa uma contribuição notável para o estudo da televisão em nosso país, sendo um balaço, enxuto e equilibrado, da ação desse veículo no decurso dos seus quarenta anos de existência entre nós, assim como uma fonte preciosa de informação e de orientação para os estudiosos.

Emendei a mão, portanto. O livro de Sérgio efetivamente "resgata a trajetória da televisão, registrando-se as influências socioculturais e políticas que interferiram direta e indiretamente no seu processo de desenvolvimento".

Disse, linhas atrás, que este livro é resultado de um grande esforço. Para entender isso torna-se preciso saber o que é a vida de Sérgio Mattos, dividida entre diferentes ocupações, sendo as principais, a lhe tomarem a maior parte do dia, o ensino na Faculdade de Comunicação e os encargos de editor no jornal A TARDE, onde tem sob sua responsabilidade vários cadernos, semanais e bissetimanais. Não sei, francamente, como lhe sobrou tempo para fazer este livro. Deve ter sacrificado inúmeras horas destinadas ao lazer, e aproveitando sofregamente o escasso tempo disponível entre uma tarefa e outra. Creio que realizou assim os demais trabalhos que compõem a sua bibliografia, já respeitável pelo número e qualidade das suas produções.

Possui títulos acadêmicos distintos. Jornalista diplomado pela Universidade Federal da Bahia, obteve (1980) o Mestrado em Comunicação na Universidade do Texas, estados Unidos, e, a seguir (1982) o Doutorado pela mesma Universidade. Presentemente, é professor adjunto da Faculdade de Comunicação da UFBA, além de chefiar o Departamento de Jornalismo daquela Faculdade.

Em 1975, quatro anos depois de formado, principiou a realizar pesquisas na área da comunicação, o que lhe tem possibilitado publicar livros e artigos, vários deles tendo a televisão como tema central. Figuram no conjunto desses trabalhos as teses com que conquistou o Mestrado ("The Impact of Brazilian Military Government on the

Development of TV in Brazil") e o Doutorado ("Domestic and Foreign Advertising in Television and Mass Media Growth: A Case Study of Brazil"), bem como os ensaios intitulados "The Impact of the 1964 Revolution on Brazilian Television", Advertising and Government Influences: the Case of Brazilian Television", "Publicidad y Gobierno en la Television Brasileña", e agora, este Um Perfil da TV Brasileira (40 anos de história: 1950-1990)'.

Evidentemente que Sérgio não pretende com este livro esgotar o assunto. Longe disso, seu propósito é apontar caminhos para ulteriores trabalhos que pretendam explorar qualquer das fases da tevê brasileira nestas quatro décadas, ou analisar mais profundamente os efeitos da mensagem televisiva nas suas diferentes formas de repercussão. Muito importante, também, é o capítulo em que ele indica os trabalhos mais interessantes já publicados sobre a matéria, com a notícia, clara e concisa do conteúdo de cada um deles. Constitui isso um valioso subsídio para futuros estudiosos, além de ser o núcleo básico de qualquer biblioteca de Comunicação que pretenda oferecer a leitura de livros sobre televisão.

Não hesito em dizer que este livro vem situar Sérgio Mattos entre os autores mais qualificados no campo das investigações voltadas para a televisão e sua múltipla influência.

Oxalá sua contribuição venha a concorrer para redirecionar realmente em benefício da sociedade o poderoso veículo de comunicação, uma das maravilhas do nosso século, e também um dos mais fortes agentes de mudanças de comportamento.

Salvador, agosto de 1990

JORGE CALMON
Diretor Redator Chefe de A TARDE

MEMÓRIAS DA ABAP

Recordar é viver.

A Televisão Brasileira completa agora 40 anos com relevantes serviços prestados aos brasileiros e especificamente à Propaganda. Resgatar esta memória no perfil que ora apresentamos num trabalho de pesquisa, elaborado pelo Professor Sérgio Mattos, é nosso dever e compromisso, cumprindo assim mais uma etapa do "Memórias Abap".

Tenho certeza que o livro Um Perfil d TV Brasileira: 40 anos de História" é um documento de pesquisa e estudo de fundamental importância, pelos aspectos históricos, sociais, políticos e econômicos.

Conhecemos assim as origens e o desenvolvimento histórico da TV Brasileira, e registro, nesta oportunidade, os 30 anos de luta e força da TV Itapoan, que muito contribuiu para o crescimento do mercado de comunicação em nosso Estado.

A luta e o dever continuam.

Vamos em frente agora para a "Casa de Comunicação" junto com a ABI.
A Escola Superior de Propaganda também sairá através de duas entidades na Bahia.
Temos fé nesta nova década.

SYDNEY REZENDE
Presidente da ABAP – Capítulo Bahia

1. ORIGEM E DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA TELEVISÃO BRASILEIRA

INTRODUÇÃO

A televisão brasileira foi inaugurada oficialmente no dia 18 de setembro de 1950, em estúdios precariamente instalados em São Paulo, graças ao pioneirismo do jornalista Assis Chateaubriand. A TV Tupi-Difusora surgiu numa época em que o rádio era o veículo de comunicação mais popular do País, atingindo a comunidade brasileira em quase todos os estados. Ao contrário da televisão norte-americana, que se desenvolveu apoiando-se na forte indústria cinematográfica, a brasileira teve de se submeter à influência do rádio, utilizando inicialmente sua estrutura, o mesmo formato de programação, bem como seus técnicos e artistas.

Desde o seu início, a televisão brasileira teve uma característica: todas as 183 emissoras hoje em funcionamento estão sediadas em áreas urbanas, suas programações são dirigidas às populações urbanas, são orientadas para o lucro (com exceção das estações estatais) e funcionam sob o controle direto e indireto da legislação oficial existente para o setor. O modelo de radiodifusão brasileiro, tradicionalmente privado evoluiu para o que se pode chamar de um sistema misto, onde o Estado ocupa os vazios deixados pela livre iniciativa, operando canais destinados a programas educativos.

O sistema brasileiro de radiodifusão é considerado um serviço público e as empresas que o integram sempre estiveram sob o controle governamental direto, uma vez que o estado era quem detinha até 5 de outubro de 1988, data da promulgação da nova Constituição brasileira, o direito de conceder/cassar licença e permissão para uso de frequências de rádio ou televisão.

O processo de concessão da televisão brasileira, inicialmente, foi efetivado a partir do favoritismo político. A proliferação de estações de TV começou, entretanto, muito antes do Golpe Militar de 1964, mais precisamente durante a administração do presidente Juscelino Kubitschek, e prolongou-se até o governo da Nova República, de José Sarney. A Constituição de 1988 estabeleceu normas e diretrizes que anulam o critério casuístico utilizado até então.

O capítulo da Comunicação Social da nova Constituição brasileira impõe algumas regras à concessão de canais de rádio e televisão. A partir de sua promulgação o ato de outorga ou renovação da concessão de uma emissora depende da aprovação do Congresso Nacional e não apenas da decisão pessoal de quem esteja no exercício da Presidência da República. Também o cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo de dez anos para emissoras de rádio e de 15 para as de televisão, depende de decisão judicial.

Entretanto, o Estado continua a exercer um forte controle sobre a indústria cultural brasileira, em parte devido à dependência dos veículos de massa em relação aos subsídios oficiais. Esta dependência cresce em importância quando se tem conhecimento de que o setor bancário nacional (a quem as empresas de comunicação recorrem para obter financiamentos, visando o funcionamento rotineiro ou planos de expansão) é conduzido ou diretamente supervisionado pelo governo, que é também quem continua determinando a política econômico-financeira do País através de decretos, medidas provisórias, portarias.

O modelo brasileiro de televisão, além de ser dependente da importação de "software" e "hardware", também é dependente do suporte publicitário, sua principal fonte de receita. De acordo com informações do Grupo Mídia/Meio e Mensagem, em 1988, a televisão brasileira ficou com 60,9% dos investimentos publicitários realizado naquele ano, representando um total de US\$ 2.795.592,34 (McCann-Ericsson, 1990). O Quadro I apresenta uma retrospectiva da distribuição percentual da verba de mídia.

QUADRO I

Distribuição percentual da Verba de mídia por veículo

Ano	Televisão	Jornal	Revista	Rádio	Outros *
1962	24.7	8.1	27.1	23.6	6.5
1964	36.0	16.4	19.5	23.4	4.7
1966	39.5	15.7	23.3	17.5	4.0
1968	44.5	15.8	20.2	14.6	4.9
1970	39.6	21.0	21.9	13.2	4.3
1972	46.1	21.8	16.3	9.4	6.4
1974	51.1	18.5	16.0	9.4	5.0
1976	51.9	21.1	13.7	9.8	3.5
1978	56.2	20.2	12.4	8.0	3.2
1980	57.8	16.2	14.0	8.1	3.9
1981	59.3	17.4	11.6	8.6	3.1

1982	61.2	14.7	12.9	8.0	3.2
1983	60.6	13.3	12.2	10.5	3.4
1984	61.4	12.3	14.3	6.8	5.2
1985	59.0	15.0	17.0	6.0	3.0
1986	55.9	18.1	15.2	7.7	3.1
1987	60.8	13.2	16.3	6.2	3.5
1988	60.9	15.9	13.9	6.6	2.7
1989 (**)	55.44	26.56	12.84	2.74	2.42

Fontes: revistas Propaganda e Meio & Mensagem, Grupo Mídia, CBBA/ Propeg, McCann-Erickson Brasil.

(*) Incluindo outdoor, cinema, pontos de vendas etc.

(**) Distribuição da verba de mídia, segundo o Projeto Inter-meios

O modelo brasileiro de televisão segue, portanto, o modelo do desenvolvimento dependente. Ela é dependente cultural, econômica, política e tecnologicamente (Mattos, 1982a). Por isso, além de divertir e instruir, a televisão favorece aos objetivos capitalistas de produção, tanto quando oportuniza novas alternativas ao capital como quando funciona como veículo de valorização dos bens de consumo produzidos, através das publicidades transmitidas. Além de ampliar o mercado consumidor da indústria cultural, a televisão age também como instrumento mantenedor da ideologia e da classe dominante (Caparelli, 1982).

Estudos recentes sobre o desenvolvimento dos meios de comunicação no Brasil têm identificado o governo como:

a principal força econômica compelindo o crescimento dos meios de comunicação de massa (principalmente a televisão), além de proporcionar aos mesmos apoio técnico e financeiro;

a principal força política, exercendo controle e influenciando os veículos de comunicação. Desde a década de 50 que o Brasil busca encontrar os meios de desenvolvimento sugeridos por entidades nacionais, como a Escola Superior de Guerra, ou internacionais, como a UNESCO. Entretanto, foi durante o regime militar de 64 que um modelo de desenvolvimento econômico foi adotado no qual o Estado emergia como a grande força propulsora existente por trás do crescimento da indústria cultural (Amorim, 1979; Mattos, 1982a; Mattos, 1985).

Dentre as incontáveis ações governamentais que influenciaram o crescimento dos meios de comunicação, durante os 21 anos de governo militar (1964-1985), três exerceram um

papel especialmente relevante:

A escolha das políticas de desenvolvimento econômico, as quais baseavam-se num processo de industrialização rápido e centrado nas grandes cidades brasileiras. Este processo de industrialização tem sido associado com o crescimento dos meios de comunicação porque os centros ou distritos industriais influíram para uma maior concentração urbana. Isto contribuiu para facilitar a distribuição e circulação da mídia impressa e maior penetração da mídia eletrônica, aumentando o faturamento total destes veículos com as verbas publicitárias provenientes das indústrias de consumo;

A construção de novas rodovias, aeroportos, modernização dos serviços de correios e telégrafos e dos sistema de telecomunicações (todos dentro do plano de desenvolvimento do Sistema Nacional de Transporte e Comunicações), contribuindo para o crescimento dos veículos pela abertura de novos canais de distribuição, tanto para a mídia impressa quanto para a eletrônica;

A adoção de medidas voltadas especificamente para o controle e modernização da mídia impressa concomitante à expansão da capacidade do parque gráfico do País.

Vários outros fatores também exerceram papel decisivo no processo de desenvolvimento da televisão, destacando-se dentre eles a publicidade. As influências deste setor na televisão brasileira podem ser analisadas sob dois prismas:

Importação de produtos:

As agências de publicidade e os anunciantes, principalmente as corporações multinacionais, encorajaram e patrocinaram a importação de programas norte-americanos durante os primeiros 20 anos de nossa televisão;

As agências de publicidade continuam utilizando valores importados, como a música pop-americana, na trilha sonora de suas peças publicitárias veiculadas na televisão.

Injunções comerciais:

Tanto as agências como os anunciantes apoiam o desvio da produção de programas brasileiros orientados para a cultura de massa;

As receitas provenientes de anunciantes estrangeiros continuam a fortificar a natureza comercial do sistema brasileiro de televisão (Mattos, 1984).

Desde o seu início a televisão brasileira se caracterizou como um veículo publicitário.

Como prova pode-se salientar a garantia do primeiro ano de faturamento publicitário da TV Tupi-Difusora por quatro grandes patrocinadores: a seguradora Sul América, a Antártica, a Laminação Pignatari e o Moinho Santista.

Como no início a televisão não atingia a um grande público, não conseguia atrair também os anunciantes. Mas as agências de publicidade estrangeiras, instaladas no Brasil, e que já possuíam experiência com este veículo em seus países de origem, logo começaram a utilizar a televisão brasileira como veículo publicitário, passando a decidir, também, o conteúdo de seus programas. Nos primeiros anos os patrocinadores determinavam os programas que deveriam ser produzidos e veiculados, além de contratar diretamente os artistas e produtores. À novelista Glória Magadan, assim como o Bôni (José Bonifácio de Oliveira Sobrinho). Da Rede Globo, por exemplo, eram contratados da Colgate-Palmolive, através da agência Lintas. O patrocinador decidia sobre tudo e à emissora restava a tarefa de ceder estúdios e equipamentos e pôr o, programa no ar"(Priolli, 1985).

Exatamente por isso, durante as duas primeiras décadas de nossa televisão, os programas eram identificados pelos nomes dos patrocinadores. Em 1952, e por vários anos subsequentes, os telejornais tinham denominações como: "Telenotícias Panair", "Repórter Esso", "Telejornal Bendix", "Reportagem Ducal" ou "Telejornal Pirelli". Os demais programas também tinham nome do patrocinador: "Gincana Kibon", "Sabatina

Maizena"e "Teatrinho Trol".

Segundo a revista *Veja*, no ano de 1969, ainda era possível se constatar que das 24 novelas produzidas e veiculadas no País, 16 tinham o patrocínio de empresas multinacionais: Gessy-Lever, Colgate-Palmolive, Kolynos- Van Ess.

Entretanto, em 1985, numa reportagem sobre os 20 anos da Rede Globo, publicada na revista *Status*, o sucesso desta rede era registrado da seguinte forma:

Quarta maior rede de televisão comercial do mundo (só superada pelas norte-americanas BBS, ABC e NBC); primeira em volume de produção (80%), cobrindo 98% do território nacional (cinco estações e 51 afiliadas); 12 mil funcionários (1.500 vinculados à produção de 2h40min diárias de ficção); detendo 70% de audiência (82% no pique das oito) e quase a metade das verbas do nosso mercado publicitário, avaliado em US\$ 550 milhões, a Rede Globo chega às vésperas do seu 20o aniversário exportando programação para 128 países (Bizinover, 1985: 47).

FASES DO DESENVOLVIMENTO

Para efeito deste trabalho decidimos que a origem e desenvolvimento histórico da televisão brasileira devem ser apresentados em quatro etapas, a fim de que se tenha um perfil global de sua evolução. Cada etapa tem um período definido a partir de acontecimentos que direta e indiretamente servem como ponto de referência para o seu início. O estabelecimento de cada fase foi determinado levando-se em conta o desenvolvimento da televisão brasileira dentro de nosso contexto sócio-econômico-cultural. Assim sendo, temos: 1) A fase elitista (1950-1964); 2) A fase populista (1964-1975); 3) A fase do desenvolvimento tecnológico (1975-1985); 4) A fase da transição e da expansão internacional (1985-1990).

1.1. A FASE ELITISTA (1950-1964)

Quatro meses depois de Ter inaugurado a primeira emissora de televisão do Brasil e da América do Sul – a TV Tupi Difusora de São Paulo – Chateaubriand iniciava novo empreendimento na cidade do Rio de Janeiro. No dia 20 de janeiro de 1951, foi inaugurada a TV Tupi/Rio, também instalada provisoriamente nas dependências da Rádio Tamoio, nas proximidades da Praça Mauá. Além da precariedade das instalações, a nova emissora enfrentou problemas com relação à localização da sua antena/retransmissor. O grupo dos Diários Associados – seu grupo gestor – pretendia colocá-la no Alto do Corcovado, junto à imagem do Cristo Redentor. Tal idéia encontrou forte oposição do clero local e a solução foi colocá-la no Pão de Açúcar.

Apesar de todas as deficiências e improvisações, a televisão foi saudada pela imprensa escrita como sendo o novo e poderoso instrumento com que "conta nossa terra". Nos dois primeiros anos de sua implantação, a televisão não passou de um brinquedo de luxo das elites do País, do mesmo modo como o videocassete vem sendo considerado no momento. Isto se justifica pelo fato de, nos primeiros anos, um televisor custar três vezes mais do que a mais sofisticada radiola do mercado e um pouco menos que um carro (Mattos, 1982, Priolli, 1985).

Quando a televisão começou no Brasil, praticamente não existiam receptores. O total não passava de 200, mas visando popularizar o veículo, Chateaubriand mandou instalar alguns aparelhos em praça pública a fim de que as pessoas pudessem assistir aos

programas transmitidos. O Quadro II apresenta a evolução do número de televisores em uso no País. Inimá Simões (1985) relata que, com o objetivo de estimular o crescimento de telespectadores, uma verdadeira campanha publicitária começou a ser veiculada, estimulando a venda de televisores. O texto transmitido era o seguinte:

Você que ou não quer a televisão? Para tornar a televisão uma realidade no Brasil, um consórcio radiojornalístico investiu milhões de cruzeiros ! Agora é a sua vez – qual; será a sua contribuição para sustentar tão grandioso empreendimento? Do seu apoio dependerá o progresso, em nossa terra, dessa maravilha da ciência eletrônica. Bater palmas e aclamar admiravelmente, é louvável, mas não basta – seu apoio só será efetivo quando você adquirir um televisor!

Vale destacar que no ano de 1951 foi iniciada no País a fabricação de televisores da marca Invictus, fato este que veio facilitar o acompanhamento, ainda no mesmo ano, dos capítulos da primeira telenovela brasileira. Com o título de "Sua vida me pertence" , esta novela foi escrita por Walter Foster e transmitida, no período de 21 de dezembro de 1951 a 15 de fevereiro de 1952, em dois capítulos semanais devido à falta de condições técnicas (o videoteipe só surgiu na década seguinte e foi um dos fatores decisivos para o desenvolvimento deste gênero de programa no Brasil).

QUADRO II

EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE TELEVISORES EM USO NO BRASIL

ANO Aparelhos P& Be cores em uso

1950	200
1952	11.000
1954	34.000
1956	141.000
1958	344.000
1960	598.000
1962	1.056.000
1964	1.663.000
1966	2.334.000
1968	3.276.000
1970	4.584.000
1972	6.250.000
1974	8.781.000
1976	11.603.000
1978	14.818.000
1979	16.737.000
1980	18.300.000
1986	26.500.000
1989	28.000.000
1990 (*)	30.000.000

Fonte : ABINEE

(*) Estimativa

Foi, também, em 1952 que um dos mais famosos telejornais da televisão brasileira foi ao ar pela primeira vez, com o nome de seu patrocinador: "Repórter Esso". O telejornal "Repórter Esso" foi adaptado pela Tupi/Rio de um rádio-jornal de grande sucesso transmitido, na época pela United Press International (UPI), sob a responsabilidade de uma agência de publicidade que entregava o programa pronto. "A TV Tupi limitava-se a colocá-lo no ar. A agência usava muito mais material internacional, filmes importados da UPI e da CBS (agências fornecedoras de serviços de filmes), do que material nacional" (Nogueira, 1988:86).

O "Repórter Esso" foi veiculado pela primeira vez no dia 1o de abril de 1952, permanecendo no ar até o dia 31 de dezembro de 1970, época em que os anunciantes passaram a comprar espaços entre os programas em vez de patrocinarem o programa como um todo.

É verdadeiro o fato de que as primeiras emissoras de televisão do País começaram de maneira precária e cheias de improvisações. Muitos anos foram necessários para que um esquema empresarial como o da Globo fosse implantado, facilitando o desenvolvimento da indústria televisiva como hoje a conhecemos. Vale salientar, entretanto, que a TV Excelsior, fundada em 1959 e cassada em 1970, foi considerada como a primeira emissora a ser administrada dentro dos padrões empresariais de hoje. A Excelsior foi responsável pela produção da primeira telenovela com capítulos diários e também a que produziu a telenovela mais longa da história – "Redenção" -, com um total de 596 capítulos. Investindo na contratação dos mais talentosos profissionais da época, a Excelsior foi a emissora que primeiro criou vinhetas de passagem nos intervalos comerciais (Furtado, 1988:62).

Ao final da década de 50 já existiam 10 emissoras de televisão em funcionamento e, em 1962, o Código Brasileiro de Telecomunicações foi promulgado pela Lei No. 4.117/62, constituindo-se num grande avanço para o setor, pois, além de amenizar as sanções, dava maiores garantias às concessionárias. O Código inovava na conceituação jurídica das concessões de rádio e televisão, mas pecava em continuar atribuindo ao executivo poderes de julgar e decidir, unilateralmente, na aplicação de sanções ou de renovação de concessões.

O Código Brasileiro de Telecomunicações, aprovado pelo Congresso Nacional em 27 de agosto de 1962, é, na verdade, um projeto de "inspiração militar, plenamente identificado com as teses de integração nacional, segurança e desenvolvimento pregadas na ESG" (Priolli, 1985:31).

Foi neste mesmo ano que aconteceram as primeiras experiências de TV Educativa, quando a TV Continental do Rio e a TV Tupi Difusora de São Paulo lançaram, simultaneamente, aulas básicas do Curso de Madureza. Dois anos antes, 1960, a TV Cultura de São Paulo já tinha criado e transmitido o primeiro Telecurso brasileiro destinado a preparar candidatos ao exame de admissão ao ginásio.

No início da década de 60 a televisão sofreu um grande impulso com a chegada do videoteipe. Foi o uso do VT na televisão brasileira que possibilitou não somente as novelas diárias como também a implantação de uma estratégia de programação horizontal. A veiculação de um mesmo programa em vários dias da semana possibilitou a criação do hábito de assistir televisão, rotineiramente prendendo a atenção do telespectador e

substituindo o tipo de programação em voga até então, de caráter vertical, com programas diferentes todos os dias.

Foi nessa época que a TV Record, fundada em 1953, viveu o seu período de ouro com os programas musicais e o sucesso dos Festivais de Música, que revelaram os cantores e compositores que ainda hoje dominam a música popular brasileira: Roberto Carlos, Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Elis Regina, Gal Costa, Rita Lee e muitos, muitos outros. A TV Record chegou a ocupar o primeiro lugar entre as emissoras de maior audiência no País (Furtado, 1988:62) até que, devido a uma série de incêndios ocorridos entre 1968 e 1969, a emissora entrou em decadência. Em meados da década de 70 ela se recuperou financeiramente e hoje ocupa o quinto lugar entre as redes de televisão com maior número de emissoras afiliadas.

Ainda em 1963 foi promulgado decreto que regulamentou a programação ao vivo. No ano seguinte, 1964, que marca o início da Segunda fase do desenvolvimento da televisão, o Brasil presenciou o golpe militar e acompanhou a transmissão daquela que viria a ser a mais famosa de todas as novelas já transmitidas: "O Direito de Nascer".

Em síntese, pode-se dizer que a televisão surgiu numa década que foi marcada pela "reordenação do mercado brasileiro com a irrupção do capitalismo monopolista" (Caparelli, 1982). Nesta primeira fase a televisão caracteriza-se, principalmente, pela formação do oligopólio dos Diários Associados e pelo fato de até 1959 todos os programas veiculados serem produzidos, exclusivamente, nas regiões onde estavam instaladas as emissoras.

Caparelli(1982:25) destaca três acontecimentos básicos ocorridos no período de transição entre a primeira e a Segunda fases da televisão:

Um deles é o acordo feito entre a televisão Globo e o Time/Life e, o segundo, a ascensão e queda da TV Excelsior de São Paulo. Um terceiro acontecimento pode ser destacado, mas de certa forma se inclui na primeira fase: o declínio dos Associados. Aliás. Todas estas ocorrências têm muito a ver entre si.

Declínio dos Associados, primazia da Excelsior e acordo Time/Life têm um elo comum, representado pela criação de um modelo brasileiro de desenvolvimento, apoiado no capital estrangeiro, aliado a grupos nacionais, no que se convencionou chamar escândalo Globo-Time/Life.

1.2.A FASE POPULISTA (1964-1975)

O golpe de 1964 afetou os meios de comunicação de massa diretamente porque o sistema político e a situação sócio-econômica do País foram totalmente modificados pela definição de um modelo econômico para o desenvolvimento nacional. O crescimento econômico do País foi centrado na rápida industrialização, baseada em tecnologia importada e capital externo, enquanto os veículos de comunicação de massa, principalmente a televisão, passaram a exercer o papel de difusores da produção de bens duráveis e não-duráveis.

Os governantes pós-64 estimularam a promoção de um desenvolvimento econômico rápido, baseado num tripé formado pelas empresas estatais, empresas nacionais e corporações multinacionais. Promovendo reformas bancárias e estabelecendo leis e regulamentações específicas, o Estado, além de aumentar sua participação na economia como investidor direto de uma série de empresas públicas, passou a Ter à sua disposição,

além do controle legal, todas as condições para influenciar os meios de comunicação através das pressões econômicas (Mattos, 1985).

No Brasil, durante os 21 anos de regime militar (1964-1985), o financiamento dos "mass media" foi um poderoso veículo de controle estatal, em razão da vinculação entre os bancos e o governo. A concessão de licenças para a importação de materiais e equipamentos e o provisionamento, por parte do governo, de subsídios para cada importação têm influenciado a ponto de levarem os meios de comunicação de massa a adotarem uma posição de sustentação às medidas governamentais (Mattos, 1982a).

Exemplos de como o governo controla, política e economicamente, os meios de comunicação de massa podem ser encontrados tanto na mídia impressa como na eletrônica. No caso da mídia eletrônica este controle foi mais direto e evidente, durante toda esta Segunda fase, porque, tanto as estações de rádio como as de televisão, operam canais concedidos pela administração federal, os quais podem ser cassados, enquanto os veículos da mídia impressa necessitam apenas de um simples registro. De 1964 a 1988 a concessão de licenças para exploração de frequências reforçou o controle exercido pelo Estado, pelo simples fato de que tais permissões só eram concedidas a grupos que originalmente apoiaram as ações adotadas pelo mesmo.

Foi durante esta fase que o Estado exerceu um papel decisivo no desenvolvimento e a regulamentação dos meios de comunicação de massa, criando, inclusive, várias agências reguladoras, destacando-se o Ministério das Comunicações. A criação deste Ministério, em 1967, contribuiu não apenas para a implantação de importantes mudanças estruturais no setor das telecomunicações, como também para a redução da interferência de organizações privadas sobre as agências reguladoras e, em contrapartida, o crescimento da influência oficial no setor. Isto facilitou a ingerência política nos meios de comunicação, evidenciada até mesmo nos conteúdos veiculados e sempre sob a justificativa de estarem exercendo um controle técnico (Mattos, 1985).

No ano de 1967, fundamentado no Ato Institucional No 4, o governo militar, através do Decreto-Lei No. 236, de 28 de fevereiro de 1967, promoveu modificações na Lei 4.117/62 (Código Brasileiro de Telecomunicações), estabelecendo novas normas que passaram a reger o exercício das concessões de canais de rádio e de televisão. Estabeleceu que pessoas jurídicas e estrangeiras não podiam participar da sociedade e/ou dirigir empresas de radiodifusão. Determinou, ainda, que a origem e montante dos recursos financeiros dos interessados em desfrutar de concessões deveriam ser aprovados. Colocou, também, sob a dependência de aprovação prévia do Contel, e depois do Ministério das Comunicações, todos os atos modificativos da sociedade, assim como contratos com empresas estrangeiras. Ficou estabelecido, também por este mesmo decreto que cada entidade só poderia obter concessão ou permissão para executar serviços de televisão no país num máximo de 10 estações em todo o território nacional, limitando em 5 o total em VHF. Vale ressaltar que após o decreto No. 236/67 nenhuma modificação substancial foi promovida no regime jurídico da radiodifusão até o ano de 1988.

Durante o período compreendido entre 1968 e 1979, os veículos de comunicação operaram sob as restrições do Ato Institucional No. 5, o qual concedia ao poder executivo federal o direito de censurar os veículos, além de estimular a prática da autocensura, evitando assim qualquer publicação ou transmissão que pudesse levá-los a ser enquadrados e processados na Lei de Segurança Nacional (Mattos, 1985).

O período de 1964 a 1975, que corresponde à Segunda etapa de desenvolvimento da

televisão brasileira, caracteriza-se como sendo a fase em que a televisão, deixando de lado o clima de improvisação dos anos 50, torna-se cada vez mais profissional. A implantação, na primeira metade da década de 70, de um esquema empresarial/industrial melhor estruturado, facilitou o surgimento dos grandes ídolos, adorados por milhares de telespectadores.

Esta segunda fase da televisão brasileira tem como característica mais importante a absorção dos padrões de administração, de produção de programação pela televisão nacional. As empresas de televisão do eixo Rio-São Paulo reforçaram seu papel de intermediárias entre a indústria cultural multinacional e o mercado brasileiro e, por outro lado, amealharam, através das redes, um mercado cativo para os seus produtos. Com uma estrutura administrativa e financeira mais sólida, adaptada à etapa da expansão do capitalismo brasileiro com uma concentração de capital, sem os percalços que o pioneirismo colocou no caminho da Rede Tupi, e com uma industrialização firmemente assentada no Brasil, voltada para o consumo, a Rede Globo começou a ganhar a guerra da audiência. Em relação à programação, baseou-se no sucesso de novelas radiofônicas para implantar igual linha de programação na televisão, a telenovela, junto com programas de auditório. Só que, a partir deste momento todas as ações perdiam a espontaneidade para se inserirem nos planos de marketing (Caparelli, 1982: 32)

A partir de 1964, quando o país tentava encontrar os caminhos do desenvolvimento e modernização, a televisão foi considerada como um símbolo desses mesmos caminhos. Foi durante este período que o país iniciou a execução das obras de ampliação e modernização do sistema de telecomunicações, o que permitiu o surgimento das redes de televisão, que passaram a ter uma influência de abrangência nacional na promoção e venda de bens de consumo em larga escala.

A maior rede de televisão do Brasil, a Globo, surgiu em 1965, tendo, inicialmente, o respaldo financeiro e técnico do grupo americano Time/Life. O envolvimento americano da TV Globo foi, subsequentemente, eliminado, embora isto só viesse a acontecer depois que ela usufruiu das vantagens dos dólares e da experiência gerencial estrangeira (Tunstall, 1977: 182).

A Globo também importou novas estratégias de comercialização que foram de fundamental importância para seu sucesso. Ela passou da comercialização "à moda do rádio" para técnicas bem mais avançadas criando patrocínios, vinhetas da passagem, breaks e outras inovações que continuam sendo utilizadas até os dias de hoje (Furtado, 1988).

No final da década de 60, depois de um início cheio de problemas a Globo já possuía larga audiência, pois direcionava seus programas para a grande massa. Mas somente a partir de 1969 foi que ele se firmou definitivamente. O fato de poder retransmitir seus programas através de microondas para várias cidades contribuiu para sua consolidação em termos nacionais. Segundo Artur da Távola (1985: 45):

Um dos fatores do crescimento da Rede Globo foi o de jamais haver desdenhado sua relação com o mercado real. Se a classe C constitui a base da audiência, nela se dá a decisão majoritária; também em sua função devem ser montados os padrões de produção e mercadológicos. Só depois de obtido esse amálgama poder-se-á cogitar do atingimento dos padrões artísticos e culturais.

Foi durante esta fase que a redução do custo dos televisores, como resultado do aumento

da escala de produção, exerceu uma grande influência sobre a televisão, contribuindo para ampliar o mercado e atraindo cada vez mais os investimentos publicitários. Para atender às exigências da nova audiência os conteúdos dos programas ficaram cada vez mais populares. Durante a Segunda metade da década de 60, a programação das televisões estava basicamente assentada na tríade: novelas/ "enlatados"/ e shows de auditório. A Globo só inicia a busca da qualidade técnica de seus programas com o chamado "Padrão Globo", a partir dos anos 70.

No final da década de 60, graças à inauguração da Estação de Rastreamento de Itaboraí, o país pôde assistir, via televisão, à descida do homem na Lua. No início da década de 70, a construção da Rede Nacional de Televisão, da Embratel, forneceu o suporte necessário para que os programas chegassem a uma grande parte do território nacional e as redes passassem a ter características nacionais. Em 1972, a Festa da Uva, em Caxias do Sul, foi palco da primeira transmissão oficial a cores na televisão brasileira.

Durante esta Segunda fase de seu desenvolvimento a televisão consolida o gênero da telenovela, começa a centralização das produções e assume o perfil de um veículo de audiência nacional, capaz de atrair uma grande parcela do bolo publicitário. Nesta fase, além de utilizar os padrões de administração norte-americanos, 50% de sua programação é constituída de "enlatados" estrangeiros e sua programação local é popularesca, chegando às raias do grotesco. Foi ainda nesta fase que o jornalismo passou a ocupar mais espaço na televisão. O avanço nos processos de revelação de filmes e a mobilidade das câmeras sonoras deram mais agilidade ao telejornalismo. Até então, "a televisão tinha pouco noticiário porque na competição com o rádio ela perdia em relação à instantaneidade" (Furtado, 1988:60). Esta fase se caracteriza, finalmente, pelo início do avanço tecnológico, pela criação da infra-estrutura para a expansão da TV em nível nacional e pelo surgimento de um novo oligopólio, a Rede Globo, que passou a ocupar o lugar que os Diários Associados ocuparam durante a primeira fase de desenvolvimento da televisão.

1.3. A FASE DO DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO (1975-1985)

Durante a fase anterior, as telenovelas foram responsáveis pela arregimentação de grandes massas para a TV. A Telenovela era uma espécie de compensação para a população, que até 1975 teve uma programação castrada pela censura.

No governo do Presidente Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), inúmeras

pressões foram exercidas sobre as emissoras de televisão mediante punições com multas e até suspensão de alguns programas, como medida corretiva. Isto visando diminuir o que, oficialmente, foi justificado como uma "linha de agressão à sensibilidade e de grosseria". A partir de então, a televisão começou a exibir programas de alta sofisticação técnica, gerados em cores e que atendiam plenamente ao tipo de televisão que o governo queria: uma televisão bonita e colorida, nos moldes do "Fantástico – O Show da Vida". Nos telejornais era, também exercido um controle tão rígido, no sentido de aliviar o quadro real da situação vivida no País que, em março de 1973, o Presidente Médici fez a seguinte declaração: "Sinto-me feliz, todas as noites, quando ligo a televisão para assistir ao jornal. Enquanto as notícias dão conta de greves, agitações, atentados e conflitos em várias partes do mundo, o Brasil marcha em paz, rumo ao desenvolvimento. É como se tomasse um tranqüilizante após um dia de trabalho".

Esta distorção era viabilizada pelos telejornais das emissoras, já estabelecidas em redes

nacionais e que, em 1974, com 43% dos domicílios existentes no país equipados com televisores, tornava a situação mais alienante.

Alguns fatos determinaram os contornos desta fase: o fracasso eleitoral sofrido pelo partido político oficial nas eleições de 1974, quando o MDB elegeu 16 senadores contra seis da Arena; o fechamento do Congresso Nacional; a promulgação de reformas jurídicas e políticas, em 1977; o início do processo de distensão e abertura política. Esta etapa de transição política foi iniciada pelo Presidente Ernesto Geisel e pelo general Golbery do Couto e Silva. Coube ao Presidente João Baptista Figueiredo, sob pressões da sociedade e de suas entidades civis constituídas, assinar a anistia, promover eleições diretas para os governos estaduais e legalizar os partidos políticos clandestinos. A culminância de todo esse processo – a eleição indireta de seu sucessor, no Colégio Eleitoral, disputada por dois candidatos civis – foi transmitida ao vivo pelas redes de televisão para todo o país.

Durante a fase anterior, o governo criou condições para a expansão dos serviços de transmissão, mas estabeleceu as agências controladoras. Somente a partir de 1970, entretanto, foi que o governo começou a expressar suas preocupações em relação à influência dos conteúdos dos programas veiculados sobre a população.

As recomendações governamentais exerceram uma influência muito forte nas redes de televisão. Lembrada continuamente das suas responsabilidades para com a cultura e o desenvolvimento nacional, a televisão começou a nacionalizar seus programas. Este processo de nacionalização dos programas contou com o apoio do governo, que queria substituir a violência dos "enlatados" americanos por programas mais amenos. Tal apoio foi viabilizado através de créditos concedidos por bancos oficiais, isenções fiscais, co-produções de órgãos oficiais (TV Educativa e Embrafilme, entre outros) com emissoras comerciais, além da concentração da publicidade oficial em algumas empresas de telerrádiodifusão (Mattos, 1982b). Também como resultado das orientações governamentais, iniciadas no governo Médici e continuadas no de Geisel, foi que se delineou o que seria a terceira fase de desenvolvimento da TV: as grandes redes, principalmente a Rede Globo, começaram a exportar os programas que produziam.

O primeiro programa da Rede Globo que obteve uma expressiva receptividade no exterior foi a novela "O Bem Amado". Ele foi vendido, já dublado em espanhol, a vários países latino-americanos e a Portugal, no original. Em 1977, o faturamento da Globo com vendas externas não chegou a US\$ 300 mil. Em 1981, o faturamento atingiu o total de US\$ 3 milhões, o que seria triplicado em 1983 (US\$ 9,5 milhões), chegando a US\$ 14 milhões, em 1985.

Depois de solidificada a expansão no mercado interno, a conquista do mercado internacional intensificou-se. Em agosto de 1980, a direção da Rede Globo decidiu organizar uma Divisão Internacional que culminou com a compra da TV Monte Carlo.

O crescimento da televisão brasileira nesta fase pode ser medido através do número de residências equipadas com receptores de televisão. O censo nacional de 1980 constatou que 55% de um total de 26,4 milhões de residências já estavam equipadas com aparelhos de TV. O crescimento do número de residências com aparelhos de TV entre 1960 e 1980 foi de 1.272%. Em 1989, segundo dados da ABINEE, existiam cerca de 20 milhões de televisores no País. Estes dados tornam-se ainda mais expressivos quando se sabe que 68,3% da população brasileira da época vivia em áreas urbanas, e que 73,1% de todas as residências urbanas estavam equipadas com televisores (Mattos, 1982a, 1984 e 1985).

Vale ressaltar que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), a população brasileira vem se concentrando cada vez mais. Tomando por base as estimativas de população, elaboradas para o ano de 1989 pelo Departamento de População do IBGE em documento produzido pelo Banco de Dados do IBAM, intitulado "Os municípios brasileiros mais populosos", chega-se à conclusão que a própria característica de concentração urbana do mercado brasileiro vai continuar, por muito tempo, a facilitar o crescimento da televisão brasileira.

Neste documento, o IBAM faz uma análise de municípios com população de mais de 50 mil habitantes, chegando às seguintes constatações: o número destes municípios era de 243 em 1970, passando a 382 em 1980 e atingindo a 470 em 1989. Segundo o coordenador do Banco de Dados Municipais do IBAM-IBAMCO, François de Bremaeker, a população concentrada nestes pontos do território chegava a 42,5 milhões de habitantes em 1970. Aumentava para 69,1 milhões em 1980 e atingia a cifra de 92,5 milhões em 1989. Acople-se aos dados do IBAM, os da McCann-Erickson em relação ao número de residências equipadas com televisão no ano de 1989: dos 34.860.700 domicílios, 64,5% estão equipados com televisores.

Com base em sua audiência potencial, a mídia televisão tem absorvido 60% do total dos investimentos publicitários realizados no país. E devido a sua capacidade de atingir quase toda a população brasileira e à fragilidade do cinema e teatro brasileiros, a televisão detém a capacidade de definir "quem é quem" no mundo das estrelas, constituindo-se como pólo central deste processo (Ortiz e Ramos, 1989: 181).

A terceira fase caracteriza-se, pois, pela padronização da programação televisiva em todo o país e pela solidificação do conceito de rede de televisão no Brasil. No dia 16 de outubro de 1977, o então diretor do Dentel, Coronel Idalécio Nogueira, afirmou que "o governo é contra o monopólio em televisão, pois resulta em queda de qualidade e, por isso, vai incentivar ainda mais a concessão de novos canais para ampliar o número de redes nacionais de TV" (Silva e Monteiro, in Comunicação no. 31). Vale ressaltar que durante esta fase foram outorgadas 83 concessões de canais de televisão, sendo que o governo Geisel autorizou 47 e o de Figueiredo, 36.

Em 1980, o governo cassou a concessão de todos os canais da Rede Tupi (Diários Associados), dividindo-os, depois, entre os grupos Sílvio Santos e Adolfo Bloch. Na concorrência pelo espólio da Tupi, que tinha sido embargado como forma de ressarcimento das dívidas para com a Previdência Social, fortes grupos empresariais acabaram sendo preteridos. Na oportunidade, o governo não escondeu sua preferência por empresários "mais confiáveis e amistosos". Entre os preteridos estavam Henry Maksoud, o Grupo Abril, o Grupo Jornal do Brasil (Caparelli, 1982:57).

Em 1982 começa um verdadeiro "boom" do videocassete doméstico e a expansão da produção independente de vídeo. Em 1983 entra no ar a Rede Manchete, ao mesmo tempo em que os produtores independentes, como a Abril Vídeo, se solidificam e começam a preencher um espaço no mercado.

Esta fase caracteriza-se, também, pela suspensão da censura prévia aos noticiários e à programação da televisão, o que conduz ao término do período em que os meios de comunicação de massa operavam sob a rigidez do Ato Institucional No. 5.

No final desta terceira fase constata-se a existência de quatro redes comerciais operando em escala nacional (Bandeirantes, Globo, Manchete e SBT), duas regionais (Record, em

São Paulo, e Brasil Sul, no Rio Grande do Sul) e uma rede estatal (Educativa).

O fim desta etapa coincide com a campanha política pelas eleições diretas, realizadas em 1984, e posterior eleição de Tancredo Neves, Presidente, e José Sarney, vice-presidente, por via indireta. A transição política iniciada no governo Geisel alcança, pois, seu ponto máximo. Aí se inicia a Quarta fase do desenvolvimento da televisão.

1.4. A FASE DA TRANSIÇÃO E DA EXPANSÃO INTERNACIONAL(1985-1990)

Como no regime militar, o governo da Nova República também se utilizou da mídia eletrônica para obter respaldo popular. A Rede Globo, por exemplo, continuou a servir ao novo governo da mesma forma que ao regime militar.

Nesta fase as principais mudanças que ocorreram no setor das comunicações decorreram da promulgação, em 5 de outubro de 1988, da nova Constituição, que apresenta, no Capítulo V, texto específico sobre "Comunicação Social". No Artigo 220 a nova Carta reafirma que a manifestação do pensamento não sofrerá qualquer restrição e, nos parágrafos 1º e 2º, veda, totalmente, a censura, impedindo, inclusive, a existência de qualquer dispositivo legal que "possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística, em qualquer veículo de comunicação social". No Parágrafo 5º deste mesmo artigo está a proibição de formação de monopólio/oligopólio nos meios de comunicação social.

A nova Carta, também, fixou normas para a produção e a programação das emissoras de rádio e televisão. De acordo com o Artigo 221, as emissoras devem atender aos seguintes princípios: promover programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas, procurando estimular a produção independente, visando a promoção da cultura nacional e regional.

Outra inovação importante foi o texto do Artigo 222, que trata sobre a propriedade dos veículos de comunicação. Este artigo revoga as restrições da Constituição anterior, que limitava a propriedade de empresas de comunicação a brasileiros natos. Agora, qualquer pessoa, "brasileiros natos ou naturalizados há mais de 10 anos", poderá assumir "a responsabilidade por sua administração e orientação intelectual".

O Artigo 223 trata sobre a outorga e renovação de concessões, permissões e autorizações para utilização de canais de rádio ou televisão. Agora, as concessões ou renovações que forem feitas pelo Poder Executivo serão apreciadas pelo Congresso Nacional e o cancelamento da concessão ou permissão dependerá de decisão judicial.

Porém, antes da promulgação da Constituição houve um verdadeiro festival de concessões de canais de rádio e de televisão no Brasil. No período de 1985 a 1988 foram outorgadas exatamente 90 concessões de canais de televisão, assim distribuídas: 22 em 1985; 14 em 1986; 12 em 1987; 47 em 1988.

Apesar da competência das concessões continuar sendo do Poder Executivo, o Governo Collor de Mello ainda não concedeu nenhuma (agosto de 1990), porque a exigência da Constituição, no Art. 175, parágrafo único, estabelecendo a realização de licitação pública para todas as concessões de serviço público, ainda não foi regulamentada. (O quadro III apresenta o número de concessões de canais de TV, por presidente).

Nesta fase de desenvolvimento da televisão brasileira, o que se observa é uma maior competitividade entre as grandes redes, um contínuo avanço em direção ao mercado internacional, com a Rede Globo planejando, desde 1985, sua expansão sistemática no exterior. Esta determinação da Globo se justifica até em função dos altos lucros que vem obtendo nos últimos anos com suas exportações. A edição da revista Business Week, de 16 de dezembro de 1986, revela que em 1984 a TV Globo obteve lucros operacionais de US\$ 120 milhões sobre uma renda de US\$ 500 milhões.

QUADRO III

NÚMERO DE EMISSORAS DE TV OUTORGADAS POR ANO (1956-1990)

Ano/período outorgadas	Presidente	No. de concessões de Governo
1956-1964	J. Kubitschej (1956-61)	
	Jânio Quadros (1961)	
	João Goulart (1961-64)	14
1964-1969	Castello Branco (1964-67)	
	Costa e Silva (1967-69)	23
1969-1974	Emílio G. Médici (1969-74)	20
1974-1979	Ernesto Geisel	47
1979-1985	João B. Figueiredo	
1985-1990	José Sarney	
1990-.....	Fernando Collor de Mello (*)	

Fonte: Mattos, 1982a; Ministério das Comunicações/Ministério da Infra-Estrutura.

(*)O atual governo, até julho de 1990, não tinha concedido nenhuma licença por falta de regulamentação específica.

Nesta fase a televisão vem alcançando uma maior maturidade técnica e empresarial e tem lançado mão de sua própria produção anterior, reprisando seus sucessos para preencher horários. O potencial da influência da televisão brasileira pode ser comprovado durante as últimas eleições presidenciais, quando os partidos políticos, utilizando recursos das agências de publicidade, usaram o horário gratuito na televisão para divulgarem suas propostas em peças muito bem produzidas. Os debates entre os candidatos, transmitidos

pelas redes de televisão, atingiram os mais altos índices de audiência, influenciando decisivamente nos resultados. Observe-se que depois de empossado, Fernando Collor de Mello, da mesma maneira que os presidentes militares e o presidente da Nova República, também está fazendo uso da mídia eletrônica para buscar respaldo para as medidas governamentais que vem adotando.

Dentro da reforma administrativa empreendida pelo novo Governo, os 23 ministérios existentes até então, foram reduzidos para 12, sendo que alguns foram extintos e outros transformados em secretarias. Este é o caso do Ministério das Comunicações, hoje, Secretaria Nacional das Comunicações, integrada ao Ministério da Infra-Estrutura. As primeiras medidas adotadas pelo novo Ministério no setor da radiodifusão foram liberalizantes, uma vez que eliminaram os últimos resquícios da censura. Em agosto de 1990, o ministro Ozires Silva, da Infra-Estrutura, revogou portaria do extinto Ministério das Comunicações que atribuía ao Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel) poder para manter "redobrada vigilância quanto ao conteúdo da programação de radiodifusão, especialmente no que se refere a ofensa à moral familiar e pública, incitamento à desobediência às leis ou decisões judiciais e colaboração na prática de rebeldia, desordem ou manifestações proibidas".

No mês de agosto de 1990, o Governo Collor modificou também o Decreto No.52.795, de 1963, permitindo, a partir daí que as emissoras de rádio e televisão possam transmitir programas em idiomas estrangeiros. Por serem recentes, estas mudanças ainda não permitem que se possa avaliar que tipo de influência exercerão nos meios de comunicação de massa de modo geral e na televisão especificamente.

Entretanto, baseando-se na tendência de desenvolvimento, já se pode prever: o surgimento estruturado da televisão por cabo, nos moldes americanos; um crescimento, ainda maior, do setor de videocassetes, o que em consequência, poderá estimular o aumento das produtoras de televisão independentes; uma maior regionalização e utilização de canais de televisão alternativos.

2. ESTUDOS SOBRE A TELEVISÃO BRASILEIRA

DESCRIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DO CONHECIMENTO EXISTENTE

Apesar da televisão ter começado a operar no Brasil em setembro de 1950, este veículo só passou a ser objeto de estudo acadêmico a partir da década de 60, quando as primeiras pesquisas, analisando o conteúdo de sua programação e seus efeitos sociais, começaram a ser realizadas. O início de estudos sistemáticos dos veículos de comunicação de massa coincide com o período da criação de escolas de comunicação por todo o território nacional.

Na década de 70, quando a televisão já havia se estabelecido no país como o mais ativo e importante veículo da indústria cultural, constata-se um considerável aumento na quantidade de pesquisas, descrevendo a estrutura organizacional da comunicação televisiva, analisando suas mensagens e efeitos no receptor, desvendando suas relações com os grupos dominantes e apresentando suas características de veículo capitalista e dependente.(1)

Examinando o material bibliográfico sobre a televisão, pode-se constatar que a maioria dos trabalhos produzidos no Brasil apresentam análises e descrições sobre como este veículo se desenvolveu, influenciou ou foi utilizado pelas classes dominantes. Como José Marques de Melo sintetiza:

Este fenômeno reflete o engajamento, consciente ou inconsciente da maioria dos pesquisadores da comunicação na tarefa de melhor compreender os instrumentos que a burguesia utiliza para expressar e reproduzir a sua visão do mundo.
...É considerável, sobretudo nos últimos anos, os trabalhos acadêmicos que vislumbram numa postura crítica, os problemas nacionais de comunicação. Ou seja, que os analisam numa ótica não necessariamente coincidente com a das classes dominantes.(2)

Nas pesquisas produzidas na primeira metade da década de 80, verifica-se, apesar da insistência dos pesquisadores em analisar aspectos trabalhados em décadas passadas, uma tendência no sentido de aprofundar o conhecimento sobre a recepção das mensagens televisivas pelo público.

Apesar da produção bibliográfica brasileira sobre a televisão já ser bastante expressiva, constata-se, ainda, escassez de autores que se dediquem ao estudo de aspectos ainda não examinados ou que já o foram, mas de maneira superficial.

O objetivo deste capítulo é identificar, classificar e descrever a bibliografia acadêmica/profissional disponível no país sobre a televisão brasileira. Visando a apresentar uma maior sistematização, os estudos identificados foram classificados por temas: 1) Aspectos Históricos da Televisão; 2) Aspectos Sociais; 3) Aspectos Políticos; 4) Aspectos Econômicos; 5) Informações Complementares.

Os estudos correspondentes a cada um destes títulos foram agrupados de acordo com suas respectivas especificidades e/ou coincidência temática. Os trabalhos foram organizados em ordem cronológica, de maneira a permitir uma melhor identificação do conhecimento acumulado sobre cada aspecto da televisão estudado no Brasil. Os estudos que tratam de mais de um aspecto do desenvolvimento deste veículo foram classificados neste revisão de acordo com a maior ênfase dada por seus autores aos temas acima citados.

ASPECTOS HISTÓRICOS DA TELEVISÃO

2.1.1. Aspectos gerais

A maioria dos estudos realizados sobre a televisão brasileira (mesmo aqueles que enfocam apenas um dos vários aspectos do desenvolvimento deste veículo) é marcada por uma forte preocupação com a história, registrando seus fatos, datas e estatísticas mais significativas.

Uma tese de mestrado⁽³⁾, defendida nos Estados Unidos, em 1968, por Mauro Lauria de Almeida, foi um dos primeiros estudos a apresentar um panorama da evolução da televisão brasileira durante suas duas primeiras décadas. Esta tese foi traduzida e publicada no Brasil, em 1971, sob o título *A Comunicação de Massa no Brasil*, constituindo-se, também, em um dos primeiros livros publicados no país a abordar a história da televisão brasileira, ainda que em apenas dois capítulos: um sobre a televisão comercial e outro sobre a televisão educativa.

Realizando um trabalho pioneiro, Almeida (1968 e 1971) introduziu dados históricos sobre as nossas primeiras emissoras de TV, abordando o processo de concessão dos canais, a legislação e o funcionamento das instituições oficiais relacionadas com o setor. O autor descreveu ainda o desenvolvimento das programações de nossa televisão, caracterizando-a como veículo de publicidade e propaganda. Sobre a televisão educativa, ele registrou sua implantação no País, dedicando especial atenção à TV Cultura e à criação da FUNTEVE (Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa), concluindo com um comentário sobre o futuro da TV Educativa e dos respectivos centros de produção.

Em 1973, João Rodolfo do Prado publicou um livro que tinha a pretensão de ser didático, com o objetivo de traçar um esboço da televisão como veículo de comunicação de massa. Neste livro, *TV Quem Vê Quem*, Prado tratou a televisão como processo, apresentando seus aspectos técnicos, políticos, econômicos e suas limitações de linguagem. O livro é composto por três partes: na primeira, o autor apresenta, esquematicamente, as linhas básicas do processo-TV. Na Segunda, analisa os dados estatísticos sobre produções e programações de nossas emissoras. Na terceira parte

do livro encontra-se compilada uma série de artigos anteriormente publicados pelo autor, na imprensa.

Raízes e Evolução do Rádio e da Televisão é o título do livro de autoria de Octavio Augusto Vampré, publicado em Porto Alegre, no ano de 1979. Neste trabalho, o autor apresentou um importante documentário cronológico da telerrádiodifusão brasileira, cobrindo o período de 1823 a 1979.

Em 1984, seguindo uma ordem diacrônica do desenvolvimento do rádio e da televisão no Brasil, Mário Ferraz Sampaio publicou um dos mais completos estudos sobre a nossa televisão, dentro de uma Perspectiva histórica. Trata-se do livro *História do Rádio e da Televisão no Brasil e no Mundo*. Depois de discorrer sobre a telegrafia, telefonia e apresentar alguns aspectos sobre a implantação da radiodifusão no mundo e no Brasil, Mário Sampaio aborda a história da televisão brasileira, destacando o pioneirismo de Assis Chateaubriand. Segundo ele, a televisão só se consolida no país a partir de 1955. Em seu trabalho destaca-se o estudo comparativo entre os artistas de rádio e de televisão, com o aparecimento das novelas. Ele analisa, também, o advento da televisão em cores no país e apresenta aspectos gerais sobre a televisão educativa.

2.1.2. Aspectos específicos

Os estudos de caráter histórico incluídos nesta seção foram classificados como específicos por se concentrarem em uma empresa ou rede televisiva de per si. Esses trabalhos foram produzidos a partir do governo Geisel, quando o país começou a viver o período de transição política com a chamada "distensão", seguido da "abertura política" do governo Figueiredo e o início da Nova República. Dois dos 11 estudos aqui identificados datam da Segunda metade da década de 70 e os demais, de 1982 em diante.

Em 1976, Hamilton Almeida Filho publicou um livro intitulado *O Ópio do Povo: O Sonho e a Realidade*, no qual realiza um estudo sobre a Rede Globo de Televisão. Através de uma série de documentos e artigos veiculados pela imprensa, este livro consegue resgatar expressivas informações do debate entre a Globo e as demais concorrentes sobre o envolvimento da primeira com o capital estrangeiro proveniente do grupo americano Time-Life e a inconstitucionalidade desses contratos. O autor realiza, também, uma análise da programação da Globo, concluindo que é através da telenovela que a rede mantém um público cativo, garantindo "a integração do mercado nacional".

Enquanto Almeida Filho estudou a Globo, Maria Elvira Bonavita Federico, em 1979, defendia uma tese de mestrado na ECA/USP sobre a TV Bandeirantes, Canal 13, de São Paulo. Neste trabalho, *O Sistema Brasileiro de Radiodifusão: Estrutura e Funcionamento de uma Empresa*, a autora apresenta uma descrição da estrutura organizacional da empresa antes dela se transformar em rede nacional. Para situar a Bandeirantes dentro do contexto, Federico apresenta uma retrospectiva histórica da evolução da televisão no Brasil, analisando o envolvimento da mídia eletrônica com o Estado e o papel que desempenha como instrumento de diversão e comércio.

Uma outra tese de mestrado que se concentrou em emissora de televisão foi a de Paula Cesari Cundapi, apresentada em 1984, em São Bernardo do Campo, no Instituto Metodista, sob o seguinte título: *Assis Chateaubriand e a Implantação da Televisão no*

Brasil. Ela analisa o contexto sócio-econômico-cultural do estado de São Paulo, na década de 50, quando a primeira emissora de TV foi ali implantada.

Dois anos antes desta tese, um "livro-documento", escrito por Humberto Mesquita (1982), intitulado *Tupi: a Greve da Fome*, relata, com detalhes, os últimos dias da TV Tupi, o processo da liquidação oficial do grupo dos Diários Associados e a constituição de duas novas redes de televisão no país: SBT e Manchete. Segundo autor:

no dia do anúncio, o presidente Figueiredo, ao justificar a licitação de duas novas redes, admitiu a existência do monopólio na televisão brasileira. Mas, ao citar nominalmente a TV Globo, disse que "Roberto Marinho tem o monopólio não porque deseja, mas porque as outras redes não dispõem de condições para disputar com ele"- Em nome da concorrência, o governo abriu as perspectivas de duas novas redes de televisão(Pág.165).

O trabalho de Mesquita (1982), apresentando aspectos da história mais recente, o de Cundapi (1984) e o de Simões (1986) se completam, apresentando uma visão geral do papel desempenhado pela Rede Tupi para o crescimento da mídia eletrônica no Brasil(4).

O estudo de Inimá Simões (1986) (5) sobre a TV Tupi descreve, sucintamente, a história da emissora a partir de sua inauguração em 18 de setembro de 1950 até 1980. Segundo o autor, "a improvisação dominou a Tupi do princípio ao fim", concluindo que a falta de organização e a corrupção marcaram toda a história da Tupi.

Maria Rita Kehl (1986), no ensaio "Eu vi um Brasil na TV" , apresenta uma minuciosa história da Rede Globo desde a data em que seu sinal foi ao ar, em abril de 1965. Ela analisa todas as transformações, internas e externas, da rede visando alcançar a liderança de audiência que ainda hoje mantém. A autora demonstra como a rede se tornou, desde 1969, um "eficiente veículo de integração nacional", transmitindo "uma única programação... para dois terços dos 75 milhões de telespectadores brasileiros, cobrindo 4.220Km do território nacional". Kehl realiza também um levantamento crítico de todas as telenovelas globais até "Roque Santeiro".

Data também de 1986 o estudo realizado por Alcir Henrique da Costa: *Rio e Excelsior: Projetos Fracassados*. Neste ensaio, o autor analisa a experiência da TV Rio e da TV Excelsior, considerando a estrutura de organização empresarial das duas emissoras e os comprometimentos políticos, principalmente da TV Excelsior, de propriedade da família Wallace Simonsen. Segundo o autor, a Excelsior, criada em 1959, construiu seu êxito, mas desapareceu como consequência do confronto que estabeleceu com os monopólios estrangeiros ao posicionar-se favoravelmente ao populismo do governo de João Goulart. O autor destaca a importância da TV Rio através do depoimento de

Geraldo Casé, segundo o qual aquela emissora marcou "o apogeu da televisão romântica no país", tendo sido campeã de audiência entre 1967 e 1970, além de ter formado os profissionais que ainda hoje atuam no mercado. Enquanto a TV Rio foi a primeira emissora a fazer uso do videoteipe no Brasil, a TV Excelsior introduziu o conceito de "verticalidade e horizontalidade da programação da programação" e criou a telenovela diária, inovando, também, na área do telejornalismo. Para ressaltar a dimensão do papel da TV Excelsior para o desenvolvimento da televisão no Brasil, o autor cita um depoimento de Álvaro Moya no qual ele afirma que a Globo imita hoje o que a Excelsior foi, "e sem nenhuma criatividade".

Em busca de melhor entender o que a Globo representa hoje foi que Daniel Herz realizou a pesquisa que resultou no livro *A História Secreta da Rede Globo*, publicado em 1987. Herz reconstrói a história da radiodifusão brasileira, em geral, concentrando-se na implantação da Globo, em particular.

Um dos mais recentes livros sobre aspectos históricos específicos é o de Laurindo Leal Filho, intitulado *Atrás das Câmeras*, editado em 1988. Este trabalho tem como foco de interesse não a televisão comercial mas sim uma emissora educativa: A TV Cultura de São Paulo, cuja linha de atuação acabou registrando a influência e captando as tendências das emissoras privadas. O autor analisa o relacionamento entre a televisão, a cultura e a política, destacando suas contradições: autoritarismo e democracia, cultura popular e cultura de elite, televisão e ensino, mensagem e negócio, liberalismo e populismo.

2.2. ASPECTOS SOCIAIS

A maior parte de toda a produção acadêmica/profissional do país concentra-se nos aspectos sociais da televisão. Para descrevê-los cronologicamente e facilitar seu entendimento, estes estudos foram divididos em duas seções: Na primeira, estão os que tratam da produção e recepção das mensagens televisivas, abordando sua influência e efeitos sociais. Na Segunda, estão os trabalhos sobre os programas da televisão, agrupados de acordo com os temas mais freqüentes: telejornalismo, telenovela e programas infantis.

2.2.1. A televisão, sua mensagem, influência e efeitos sociais(Produção e recepção das mensagens)

Em 1966, Rui Marins publicou um livro questionando os efeitos da comunicação coletiva nos principais centros urbanos do país. Seu trabalho, intitulado *A Rebelião da Jovem Guarda*, questiona, principalmente, a televisão que, segundo o autor consegue impor no universo das famílias tudo aquilo que projeta no seu vídeo, levando as pessoas a aceitarem ou rejeitarem os padrões de comportamento de personagens que passam a ser considerados como heróis. "Esses heróis tornam-se, pouco a pouco, quase reais, pois podem ser vistos e ouvidos dentro dos próprios lares. Cria-se, assim, a necessidade de encontro entre o espectador e o seu herói."

A imposição dos valores da classe dominante, através dos meios de comunicação de massa, é analisada, em 1971, através dos ensaios de José Marques de Melo sobre os fenômenos conjunturais da comunicação brasileira na década de 60. Em seu livro *Comunicação, Opinião, Desenvolvimento*, o autor demonstra o controle que a elite política e econômica exerce sobre a televisão e os demais veículos de massa.

Em 1972, Nelly Camargo concluiu um estudo sobre a mudança no quadro referencial dos habitantes de São Luís do Maranhão diante da televisão (6). Foram analisadas as mudanças de valores e de aspirações por influência da televisão, tendo a autora concluído que, apesar de possíveis resistências, o êxito do uso da televisão com fins de desenvolvimento cultural só será obtido quando se levar em conta o quadro de referência do público com que se deseja trabalhar.

Sobre os efeitos sociais deste veículo nos jovens, também em 1972, L.F. Coutinho defendeu uma tese de doutoramento, na USP, intitulada *Adolescentes e Televisão*. O autor sintetiza, neste trabalho, a controvérsia dos efeitos positivos: a rapidez com que o telespectador pode adquirir conhecimento e informação; o favorecimento do desejo de mudança e da adoção de inovações tecnológicas. Como efeitos negativos o autor destaca: o rebaixamento dos padrões de gosto Artístico em consequência do baixo nível dos programas veiculados; redução do tempo destinado a outras atividades como a leitura e o possível agravamento de condutas e atitudes anti-sociais em decorrência dos programas que ridicularizam a instituição familiar.

Samuel Pfromm Neto (1972 e 1976), analisando os meios de comunicação de massa, sua natureza, modelos e imagens, com fins educacionais, deixa transparecer suas preocupações em relação às influências da televisão na sociedade como um todo e na criança em particular (7). Por sua vez, Modesto Farina (1976) defendeu uma tese de mestrado na qual apresenta uma análise dos estímulos utilizados pela propaganda, através da televisão, abordando suas consequências diretas sobre o consumidor. (8)

Quando os debates em torno da influência da televisão estavam no auge, Anamaria Fadul (1976), num ensaio intitulado "Decadência da Cultura Regional: A Influência do Rádio e da TV", argumentou não ser o rádio e a televisão os únicos responsáveis pela decadência cultural. Segundo ela, o processo de decadência se verifica dentro do contexto sócio-econômico e político nacional, do qual os veículos de comunicação de massa, principalmente a televisão, são os porta-vozes. Para Fadul: "a função da televisão é completamente diferente daquela do rádio pois com o poder universalizante da imagem, ela passa a representar um papel fundamental na transformação dos padrões culturais. É, na atualidade, o veículo de maior divulgação" (1976:50).

Em 1977 despontam dois estudos sobre os efeitos da televisão. Sarah Chucid Viá, no livro *Televisão e Consciência de Classe*, analisa as mudanças de valores culturais causados por esse veículo, enquanto Sílvio de Oliveira Santos, em sua tese de mestrado intitulada *O Escolar e a Televisão*, apresenta dados sobre como as crianças em escolas de primeiro grau, avaliam suas próprias experiências televisivas.

A força da televisão como transformadora de valores e costumes levou Luís Milanesi a realizar um dos mais completos trabalhos sobre esta influência que culminou na publicação do livro *O Paraíso Via Embratel*, em 1978. Neste livro o autor estuda o processo de integração de Ibitinga, uma cidade do interior paulista, na sociedade de consumo. Para ele, tanto o rádio como a televisão reforçam as mudanças, estimulando o consumo da sociedade. Milanesi apresenta, com detalhes, todo o processo de padronização e massificação da sociedade de Ibitinga, através da televisão. Ele procura "situar a TV entre os fatores de mudança e determinar o papel desempenhado por ela" (Pág.18).

Enquanto Milanesi (1978) se dedicou ao estudo dos efeitos da televisão em um município paulista, Maria Helena Rennó Nunes (1979) realizou uma avaliação dos 10

anos de experiência da TV Educativa da USP através de sua tese: *A Televisão de Circuito Fechado Como Recurso Instrucional Para a Universidade – Experiência e Propostas*. Nunes constatou que as experiências, utilizando a televisão como recurso no ensino universitário, obtiveram resultados inovadores e animadores.

Já José Manuel Morán (1979) apresenta outros aspectos do veículo em seu ensaio intitulado *A Mensagem Estética Televisiva*. Neste trabalho ele explica que existem quatro dimensões através das quais se pode analisar a mensagem estética da televisão: 1) a obsessão rítmica, 2) a pseudo-relação direta-encatatória, 3) a homogeneização questionada, 4) o seu efeito multiplicador.

Regina Coeli Pimenta de Mello (1980), na tese *Indústria Cultural e Dependência: Uma Proposta de Reflexão no Brasil*, depois de abordar a indústria cultural e sua contribuição à produção e reprodução das relações sociais no país, levanta a problemática da dependência na conformação desse quadro, revelando o autoritarismo como efeito multiplicador. Em seu trabalho ela apresenta um estudo de caso sobre o Programa de Flávio Cavalcanti.

Dando continuidade às reflexões sobre este veículo, um missionário alemão, Reinaldo Brose (1980), que viveu por mais de 10 anos no Brasil, escreveu o livro *O Visitante Eletrônico*. Neste trabalho ele relata aspectos da televisão na educação familiar e apresenta propostas de ação para se desenvolver uma consciência crítica dos meios de comunicação de massa nas igrejas e grupos comunitários.

No livro *Telemania, Anestésico Social*, José Marques de Melo (1981) vai um pouco mais além das propostas de Brose (1980), desenvolvendo, também, algumas reflexões sobre a função social da televisão, destacando o seu papel de agente alienador. Marques de Melo analisa a televisão dentro do contexto político e econômico, demonstrando suas vinculações com a estrutura oficial. Com este livro o autor dá uma contribuição para uma visão crítica da comunicação de massa no Brasil.

Os estudos críticos sobre a televisão tiveram seqüência, no ano de 1982, com a publicação do segundo número do *Cadernos do INTERCOM*, dedicado ao tema "Televisão, Poder e Classes Trabalhadoras". Nele cinco ensaios abordam as condições de produção e de recepção da televisão brasileira, analisando as interferências do poder político e econômico no seu desenvolvimento bem como o papel político da televisão como instrumento da educação permanente das classes trabalhadoras. (9)

Ana Maria Ramos (1983), em *Escola X Indústria Cultural: O Papel de uma Escola na Formação do Espírito Crítico*, investiga os tipos de efeito dos produtos da indústria cultural, principalmente a televisão, sobre estudantes na fase da adolescência. A autora conclui que os estudantes não recebem, em suas escolas, qualquer orientação crítica sobre os meios de comunicação de massa porque seus professores também não foram preparados e permanecem despreparados para exercerem o papel de formadores de receptores críticos, em relação aos veículos de massa.

Em 1983, Heloísa Dupas Penteado publicou um ensaio, *A Televisão e os Adolescentes: A Sedução dos Inocentes*, no qual analisa a influência da televisão na formação dos jovens, bem como a atuação deste veículo assumindo o papel de escola e concorrendo com a escola tradicional. Neste mesmo ano, Carlos Alberto Pereira e Ricardo Miranda (1983) publicaram um livro, *Televisão – As imagens e os sons: no ar o Brasil*, apresentando um estudo que tem o objetivo de "compreender melhor o processo

através do qual a TV se relaciona ou se comunica com os telespectadores e vice-versa".

Um outro trabalho, *O Mito na sala de jantar: Discurso Infanto-juvenil sobre a televisão*, de Rosa Maria Bueno Fischer (1984) oferece outros aspectos da influência da televisão, complementando assim os trabalhos de Ramos (1983), Penteadó (1983) e de Pereira & Miranda (1983). Rosa Fischer faz uma análise interpretativa da presença do mito na TV, abordando a complexidade da reação do receptor diante das mensagens. Segundo a autora, as mensagens transmitidas atingem a subjetividade das pessoas pela presença do mito, sendo que o meio (a televisão) seria o responsável direto pela vivência eletrônica do mito.

2.2.2. Programas televisivos

Um dos primeiros estudos sobre a programação de televisão foi o realizado por Roberto Benjamin (1968), cujos resultados estão contidos na publicação intitulada *Programação da TV Brasileira*. O autor faz a análise da programação referente ao período de 14 de julho a 31 de agosto de 1968, de duas emissoras de televisão comercial do estado de Pernambuco. Televisão Jornal do Comércio e Televisão Rádio Clube de Pernambuco.

Em 1971 foi publicado um dos mais importantes livros para o estudo do conteúdo da televisão brasileira, *A Comunicação do Grotresco*, de Muniz Sodré. O autor aborda o problema da mensagem televisiva brasileira, identificando e analisando alguns aspectos de nossa cultura de massa. A televisão é estudada como veículo diretamente ligado ao lazer. Em seu trabalho destaca-se o que ele chama de "behaviorismo do gosto" que determina a programação das emissoras comerciais e de suas característica principal: O Grotresco.

A Noite Madrinha, publicado em 1972, Sérgio Miceli faz uma análise da ideologia que permeia os programas de auditório da televisão brasileira, concentrando-se no de Hebe Camargo. Realizando um estudo sócio-semiológico ele tenta reconstruir o sistema de significações que o programa de auditório propõe e reproduz no público que o vivencia.

Em 1985, Gabriel Priolli publicou o ensaio *A Tela Pequena no Brasil Grande*, no qual resgata a história da televisão desde 1950, tomando sua programação como parâmetro. Priolli apresenta o desenvolvimento da TV estabelecendo um paralelo entre a evolução e nível de sua programação e o tipo de avanço tecnológico que condicionou o desenvolvimento do País, incluindo seus aspectos políticos e sociais. De acordo com o trabalho de Priolli, o comportamento histórico da televisão brasileira por ser identificado através de suas produções e tipos de programação. Segundo o autor, na década de 50, a TV foi elitista. Na década de 60 ela competiu por audiência. Na de 70 ela se modernizou tecnologicamente, embora adotando uma postura de servilismo ao regime militar. Na década de 80 ela se expandiu: abertura de mais duas redes, início das produções independentes para TV e o "boom" do videocassete.

Sobre as programações de nossa televisão Priolli diz ainda: "Duas características são marcantes na programação inicial da TV brasileira: a herança radiofônica e a subordinação total dos programas aos interesses e estratégias dos patrocinadores. Ao contrário da TV norte-americana, que se ergueu sobre a sólida base da indústria cinematográfica, a nossa TV teve de recorrer à estrutura do rádio, importando

procedimentos técnicos, esquemas de programação, idéias e mão-de-obra" (1985:23).

2.2.2.1. Programas infantis

Enquanto os efeitos da televisão na sociedade como um todo e na criança em particular têm sido objeto de inúmeros estudos, poucos são os pesquisadores que se têm dedicado à análise de programas especificamente destinados ao público infantil. Entre eles estão Maria José Beraldi (1979), Elza Dias Pacheco (1981), Maria Felisminda de Rezende Fusari (1982 e 1985) e Jelcy Maria Baltazar (1987). Contudo, o foro de estudo de todos eles foi o desenho animado.

Beraldi (1979) defendeu tese de mestrado, a USP: *Televisão e Desenho Animado: O Telespectador Pré-Escolar*. Pacheco (1981) realizou um estudo sobre a série do "Pica-pau", objetivando constatar se a personagem-título é herói ou vilão. Em sua análise a autora tenta identificar a representação social da criação e discute a reprodução da ideologia dominante através desta série.

Em 1982, Fusari também fez uma pesquisa, sobre o "Pica-pau", abordando a prática de processamento da mensagem televisiva em adultos e crianças na idade pré-escolar, em São Paulo, analisando a problemática da desinformação e deseducação e as influências recíprocas. Em 1985, a própria Fusari desenvolveu outro estudo: *O Educador e o Desenho Animado que a Criança vê na Televisão*. Sua área de interesse continuou a mesma, sendo que este livro é mais abrangente, caracterizando-se como um trabalho da área de psicologia educacional. Ela se preocupa com a prática do telespectador-educador, que trabalha com crianças, tanto no ambiente escolar como doméstico e analisa o comportamento do telespectador pré-escolar. Ela identifica e descreve preferências das crianças de uma escola municipal em relação à programação transmitida pela televisão paulista. Realiza, ainda, uma análise das características de desenhos animados da série "Pica-pau" a partir das opiniões de telespectadores adultos, coletadas no período de junho a julho de 1980.

Por sua vez, Jelcy Maria Baltazar realiza uma análise da estrutura familiar no trabalho intitulado *"Os Flintstones: Estereótipos da relação familiar"*, que foi publicado na revista *Comunicação & Sociedade*, em novembro de 1987.

2.2.2.2. Telejornalismo

O estudo de programas de informação, principalmente os telejornais, tem despertado a curiosidade de alguns pesquisadores. Em 1971, Walter Sampaio publicou um livro, *Jornalismo Audiovisual*, eminentemente didático, abordando, pela primeira vez no Brasil, os conceitos e técnicas de elaboração e apresentação das notícias e reportagens na televisão. Neste livro, Sampaio apresenta, também, uma breve história do telejornalismo brasileiro.

Em 1979, Contijo Teodoro publicou um livro, *Você entende de notícia?*, apresentando uma série de depoimentos sobre a "saga da televisão brasileira". O autor discorre sobre "os jornais da tela" e sobre um dos mais famosos noticiários da televisão brasileira: "O Repórter Esso".

Em 1981, Gisela Goldenstein participou de uma pesquisa patrocinada pela ISA (Internacional Sociological Association), visando detectar o processo pelo qual a realidade é construída nos noticiários das televisões de 57 países, inclusive o Brasil. Os

resultados deste trabalho foram publicados, em inglês, sob o título: *TV News and the Production of Reality*. O estudo apresenta uma análise da ideologia dos noticiários de maior audiência de cada um dos países pesquisados. No Brasil, o objeto de estudo foi o "Jornal Nacional" da Rede Globo de Televisão que, aliás, vem sendo observado por vários estudiosos desta área.

Ainda em 1981, uma tese de mestrado defendida na ECO/UERJ aborda, também, o telejornalismo: *De Fato é Notícia*, de autoria de Davide da Conceição Mota. O autor correlaciona os fatos e a narrativa audiovisual com a retórica das notícias. Ele conclui seu estudo tentando uma sistematização do que seria a ordenação dos elementos, a reportagem e a edição da notícia.

Já Luís Fernando Santoro (1982) publicou um ensaio, abordando a *Televisão e divulgação científica: uma espaço para o fantástico*. Ele analisa a divulgação do que é considerado como "informação científica" através da TV, mas que "não passa de charlatanismo". Santoro examina os principais obstáculos para a produção de programas "verdadeiramente científicos" na televisão brasileira.

Em 1982, Inês Pereira Luz divulgou um ensaio, *TV Mulher e a comunicação comunitária*, no qual dissecou o programa o programa TV-Mulher da Rede Globo, analisando o conteúdo do programa sob a ótica jornalística. Ela examina, inclusive, a maneira pela qual é tratada, no programa, a questão político-social da mulher, a partir de uma concepção crítica de comunicação comunitária. O estudo tenta identificara influência deste programa sobre a população, verificando o processo de conscientização dos grupos comunitários e observando também a influência da ideologia dominante sobre os mesmos.

Guilherme Jorge Rezende tem-se dedicado ao estudo do "Jornal Nacional" da Rede Globo, sobre o qual já publicou dois trabalhos: 1) *Jornal Nacional comemora 15 anos*, publicado em, 1984, e, 2) *O Tele-espetáculo da notícia, análise morfológica do conteúdo de uma semana (7 a 13 de janeiro de 1982) do Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão*, publicado em 1985. NO primeiro, Rezende apresenta um panorama histórico do Jornal Nacional e, no segundo, tenta caracterizar a produção jornalística de nossa televisão a partir da descrição do sistema mercantilista de nossas emissoras.

Outro trabalho dedicado ao Jornal Nacional foi o realizado em 1985 por Carlos Eduardo Lins da Silva, intitulado: *Muito Além do Jardim Botânico*, no qual ele realiza um estudo sobre a audiência que este programa tem entre os trabalhadores e como as informações são interpretadas. Lins da Silva faz uma análise da reconstrução da realidade pelos trabalhadores de duas comunidades, uma em São Paulo, outra no Nordeste. Em sua análise ele considera as informações que os trabalhadores recebem não apenas da televisão, como também de fontes interpessoais, igreja, movimento sindical, partidos políticos e outros meios de comunicação de massa. Segundo ele, o conteúdo das informações transmitidas pela televisão é recebido pelos trabalhadores já filtrado, transformando-se, assim, apenas em mais um componente na formação da representação da realidade.

Em 1986, Geraldo Magela Braga publicou o ensaio *e Indústria Cultural Comunicação Rural: Análise do espaço rural na TV Brasileira*, apresentando uma análise crítico-descritiva dos programas "Globo Rural" e "Som Brasil". Ele descreve o papel da televisão como difusora de inovações tecnológicas para o meio rural.

2.2.2.3. Telenovela

As telenovelas produzidas no Brasil vêm sendo objeto de estudos desde a Segunda metade da década de 60, quando José Marques de Melo (1969) publicou um dos primeiros ensaios sobre este tipo de programa da nossa televisão. Em seu trabalho, *Telenovelas: Catarse Coletiva*, o autor descreve os antecedentes desse programa "produto típico da cultura de massa". Marques de Melo salienta que a telenovela "teve seu protótipo no romance burguês do século XVIII e nos folhetins do século XIX", tendo sido também utilizado por outros meios de comunicação (cinema e rádio) "para atrair multidões". Marques de Melo define a telenovela como "Um fenômeno singular da televisão brasileira. Surgiu, por volta de 1964, como um recurso das emissoras paulistas e cariocas, para superar os baixos índices de audiência (naquele ano o IBOPE registrava uma média de 64% de aparelhos desligados)".

Em 1970, em um outro trabalho, *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa*, que também é considerado um estudo pioneiro sobre os fenômenos da comunicação social dentro do contexto da realidade nacional, Marques de Melo aborda o tema mais uma vez no ensaio intitulado *A Função das Telenovelas e Perfil; do seu Público Feminino em São Paulo*.

A primeira análise semântica linear de duas telenovelas ("Selva de Pedra" e "Cavalo de Aço") foi realizada por Mônica T. Rector, no livro *A Mensagem da Telenovela*, no ano de 1973. Segundo a autora, as telenovelas podem ser decompostas pelo fato de existir redundância em todas elas: os personagens e o local onde a história se desenrola por mudar, mas permanecem os tipos de relações entre os indivíduos e entre estes e a sociedade.

No ano seguinte, em 1974, Sônia Miceli Pessoa de Barros defendeu uma tese de mestrado na USP, acrescentando à bibliografia específica mais um trabalho: *Imitação da Vida (Pesquisa exploratória sobre a telenovela no Brasil)*. Em seu estudo, Barros faz um levantamento das condições de operação da nossa televisão entre os anos de 1970 a 1972, analisando as alterações de linguagem e significação como um resultado da crescente intervenção do Estado sobre a produção das mensagens. Segundo o entendimento da autora, essa intervenção é uma tentativa de ocasionar uma "conversão de grande parte de um público heterogêneo, no sentido de homogeneizá-lo". Ela constatou que as telenovelas têm exercido um importante papel na reprodução de estruturas de dominação política e econômica.

Em 1975, J.V. Tilburg publicou um ensaio intitulado *O Estereótipo na Telenovela*, no qual faz uma análise da telenovela como representação simbólica do real. Em 1980, o Centro de Investigação e Divulgação publicou pela Vozes Editora o estudo: *A Telenovela, Instrumento de Educação Permanente*. Este trabalho apresenta uma análise sobre as telenovelas brasileiras sob o ponto de vista da codificação icônica.

Foi também em 1980 que Vera Brandão Pimentel apresentou a tese *O Monopólio da Fala na Comunidade Agro-Industrial de Delmiro Gouveia no Sertão Alagoano*, na ECO/UERJ. Neste estudo Pimentel analisa os efeitos das telenovelas nos valores, comportamentos e hábitos daquela comunidade.

Quem também defendeu tese de mestrado em 1980, utilizando telenovela como tema foi Maria Célia Fortes Santos de Bustamante. Em seu trabalho, *TV e Dinâmica Familiar*, destaca o papel exercido pela televisão nas transformações sociais e nas relações

familiares. Ela aponta a telenovela como o fator que exerce maior influência na mudança de atitude e comportamentos.

Em 1981, J. V. Tilburg, aprofundando a pesquisa iniciada em 1975, publica o livro *O Estereótipo Visual da Telenovela Brasileira como Mecanismo de Educação Permanente*. O autor tenta mostrar como os meios de comunicação de massa se interrelacionam, tendo a televisão como ponto de referência e onde a telenovela emerge como instrumento de educação permanente.

Já Flávio Luís Porto e Silva, também em 1981, publica um livro enfocando as manifestações teatrais na televisão: *O Teleteatro Paulista nas Décadas de 50 e 60*. Trata-se de um levantamento da integração entre o teatro e a televisão, que resultou em programas que marcaram época. Ele registra os seguintes programas de forma documental: *TV de Vanguarda*, *Grande Teatro Tupi*, *TV Comédia*, *O Contador de Histórias*, *Teatro Cacilda Becker*, *Teleteatro Infantil de Júlio Gouveia* e *Tatiana Belinky*.

Complementando o gênero de pesquisa documental, em 1982, Ismael Fernandes publica *Memória da Telenovela Brasileira*, reunindo mais de 300 títulos de telenovelas brasileiras com um resumo da estória, nome do autor, componentes do elenco, período e local da exibição. O levantamento inclui desde os primeiros trabalhos veiculados na década de 60 até os transmitidos no final da década de 70.

Em 1983, Ondina Fachel Leal defendeu, em Porto Alegre, uma tese de mestrado sobre *A Novela das Oito*. Jane J. Sarques (1983) publicou o ensaio *A Discriminação Sexual na Telenovela: Sua Influência sobre a Mulher Brasileira*, no qual conclui que "a novela, na medida em que legitima, de forma explícita ou latente, os valores dominantes com os quais as telespectadoras se identificam, concorre para mantê-las conformadas à ordem vigente e reforçar a reprodução da ideologia que alicerça a estrutura de dominação e discriminação" (Pág.226).

Em 1984, Artur Távola publicou o livro *O Ator*, no qual analisa aspectos do trabalho desenvolvido pelos atores na televisão, em razão da forma de interpretação na telenovela não ser tão rígida quanto a realizada no teatro e no cinema, permitindo ao ator um exercício permanente de improvisação.

Enquanto Távola (1984) estudou o ator, Samira Youssef Campedelli (1985), no livro *A Telenovela*, estabelece cinco classes para ela: 1) folhetim melodramático; 2) folhetim exótico; 3) a telenovela alternativa, que cria o clima psicológico; 4) a telenovela chanchada; 5) a novela-verdade. Seu trabalho evidencia a estratégia da Rede Globo no sentido de monopolização. Ela registra que a emissora lança mão de todos os recursos de marketing para ganhar a audiência. Campedelli traça, também uma linha histórica da TV centrada na telenovela. Analisa, ainda, as telenovelas de Janete Clair, detendo-se no tipo folhetim utilizado em "O Astro".

Grã-finos na Globo, Cultura e Merchandising nas Novelas é o título do livro de Roberto Ramos, lançado em 1986. Neste trabalho, o autor faz uma análise detalhada das novelas da Globo, denunciando nelas a criação preconcebida de necessidades no público com objetivos econômicos e políticos.

Dando continuidade ao seu interesse pelas novelas do horário nobre, em 1986, Ondina Fachel Leal lançou o livro *A Leitura Social da Novela das Oito*, onde apresenta os resultados de uma pesquisa realizada em dois grupos de dez famílias (classes popular

e dominante) na tentativa de identificar as diferenças na reconstrução da realidade por elas com base nas mensagens dos veículos de comunicação.

O trabalho mais recente sobre o tema: *As Telenovelas da Globo: Produção e Exportação* foi publicado por José Marques de Melo, em 1988. O autor utiliza a técnica de estudo de caso e tem como tema as produções da Globo até sua ascensão como produtora e exportadora de programas. Descreve o desenvolvimento da empresa, explica como se processa a produção e exportação das telenovelas e aponta o "padrão de qualidade" como a razão para o sucesso obtido.

2.3. ASPECTOS POLÍTICOS

2.3.1. A televisão e o Estado: Política de Comunicação e Ideologia

Em 1970, Antônio F. Costela publicou um livro, *O Controle da Informação no Brasil*, apresentando uma análise histórico-social da liberdade de informação no País, discutindo o uso dos instrumentos jurídicos pela Estado no controle sobre os meios de comunicação de massa. Aborda, também, em relação ao setor da telerrádiodifusão o Código Brasileiro de Telecomunicações e sua aplicação dentro do nosso contexto sócio-econômico e político. Ele analisa, ainda, as orientações políticas do governo militar, cobrindo o período de 1964 a 1970, no que tange ao direito de informar e de ser informado, debatendo, inclusive, os Atos Institucionais e a portaria referente à censura prévia baixada durante aquele período.

Luís Nogueira também fez um estudo sobre o Código de Telecomunicações, em sua tese apresentada na ECA/USP, em 1978: *O Brasil e sua Política de Telecomunicações*. Segundo Nogueira, foi a partir da criação deste Código (Lei No 4 .117, de 27 de agosto de 1962) que o País passou a Ter uma política própria para o setor, que até então era controlado por grupos estrangeiros. Além de analisar o Código de Telecomunicações, o autor discute as suas implicações. Outros aspectos são abordados, também: a criação da Embratel, através do Sistema Básico de Telecomunicações, e a constituição do Ministério das Comunicações, no ano de 1967. Nogueira tece considerações críticas sobre o surgimento e a estrutura das organizações que gerem o setor das telecomunicações e seus reflexos sociais. Ele discute o papel do Sistema de Telecomunicações para a integração nacional, bem como este sistema passou a ser controlado pelos governos pós-64, tratado como área de Segurança Nacional.

O Papel do Rádio e da Têvê na Formação da Cultura Brasileira é o título do ensaio de R. Amaral Vieira (1978), no qual o Sistema Brasileiro de Radiodifusão é analisado como instrumento para a defesa dos interesses da classe dominante. Visando a modificação deste quadro, o autor propõe que tanto o rádio como a televisão passem a veicular conteúdos das culturas das comunidades regionais e dos grupos minoritários, refletindo, assim, a cultura de toda a Nação.

Hélio Soares Amaral (1980) apresenta, em sua tese de mestrado, um estudo sobre *Censura e Televisão*. Neste trabalho, ele analisa os efeitos da censura na linguagem da televisão brasileira, que ele identifica coimo um veículo de diversão e transmissão de idéias do sistema político. Amaral discorre a respeito da legislação, das pressões ideológicas, econômicas e políticas sobre a televisão durante o período de 1974 a 1980.

Sérgio Caparelli (1980) publicou um livro, *Comunicação de Massa*, constituído por ensaios sobre o nosso sistema de comunicação de massa e suas contradições no

contexto do modelo econômico e político adotado pelo País a partir de 1964.. Ele analisa as influências deste modelo discutindo as diversas determinações políticas adotadas pelo Estado sobre a televisão, inclusive a Doutrina de Segurança.

Outro trabalho sobre a política de telecomunicações, que destaca o envolvimento do Estado com a televisão é o de Aloisio da Franca Rocha Filho (1981): *Comunicação de Massa e Estado: Televisão e Política de Telecomunicações (1950-1975)*. O autor estuda esse período, dando ênfase aos mecanismos de dominação utilizados pelo Estado sobre os veículos de comunicação de massa, principalmente a televisão. Ele identifica o Estado como responsável pela infra-estrutura de apoio aos meios de comunicação, ampliando assim as relações capitalistas da produção.

Em 1981, no livro *Paraíso Tropical: A Ideologia do Civismo na TVE do Maranhão*, Helena Maria Bousquet Bomeny analisa como as aulas da disciplina de Educação Moral e Cívica, transmitidas pela TVE do Maranhão, projetam a ideologia do governo militar, verificando a mudança do comportamento político dos alunos. Ela demonstra que a televisão foi utilizada como instrumento de transmissão dessa ideologia.

Também em 1981, no ensaio *Tendências Populistas na TV Brasileira*, Luís Fernando Santoro demonstra como a televisão foi utilizada para manter a estabilidade do regime militar.

Em 1982, Sérgio Mattos, no livro *The Impact of the 1964 Revolution on Brazilian Television* (baseado em sua tese de mestrado defendida em 1980 na Universidade do Texas em Austin, Estados Unidos, com o título de "*The Impact of Brazilian Military Government on the Development of TV in Brazil*"), apresenta um estudo sobre a cooptação da televisão pelos governos pós-64, como mecanismo de divulgação da política desenvolvimentista e da Doutrina de Segurança Nacional. O autor descreve a evolução histórica do veículo e aponta as maneira como ele foi usado para atender aos interesses políticos do regime implantado no País. Neste trabalho, Mattos evidencia, também, a influência do Estado no desenvolvimento da televisão, conseguida através da montagem de toda a infra-estrutura necessária ao seu crescimento.

Maria Elvira Bonavita Federico publicou, em 1982, o livro *História da Comunicação: Rádio e TV no Brasil*, no qual reconstitui a história destes meios desde o advento da radiodifusão. Ela analisa instituições como Dentel, Telebrás, Embratel e Radiobrás, responsáveis pela política, infra-estrutura, fiscalização e controle da telerradiodifusão no Brasil. Este trabalho trata, também, da programação das emissoras de TV e das relações destas com a indústria eletrônica e agências de publicidade.

Em um ensaio, *Hegemonia e Contra-Infirmação: Por uma Práxis da Comunicação*, publicado em 1982, Anamaria Fadul introduz o conceito de luta de classes no estudo da televisão, a partir da discussão do significado da indústria cultural no capitalismo monopolista. Baseando-se no conceito de hegemonia de Gramsci, a autora apresenta os veículos de massa, principalmente a televisão, como instrumentos de ação política.

Também em 1982, Gabriel Priolli Netto publicou um ensaio, *A TV para o bem do Brasil*, no qual realiza uma análise do desenvolvimento da televisão e de seu envolvimento com o Estado. Saliencia que este a utiliza, visando "recobrir o País com um mesmo manto ideológico, que permitisse a sustentação política dos novos interesses" do regime militar. O autor, no entanto, adverte que considerar os meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, como simples instrumentos ideológicos a serviço

da burguesia "é um grave erro de análise" porque "quando se admite um controle monolítico dos meios de comunicação, por parte de quem os detém, aceita-se a idéia de que não é possível fazer nada em seu interior e que as tentativas de uma ação contra-ideológica são facilmente neutralizáveis"(Pág.107).

Priolli Netto concluí dizendo que se deve atuar junto à sociedade no sentido de conscientizá-la de como os meios de comunicação "podem e devem servir a seus interesses". Para se atingir esta meta ele propõe Algumas medidas: "desconcentração da propriedade do capital e da tecnologia no setor do rádio e da TV, para desconcentração geográfica da produção e do poder político, através de conselhos comunitários de radiodifusão" (Pág.115).

Em 1985, dois ensaios voltam a tratar da política de comunicação. O primeiro, de autoria de Arlindo Castro (1985), *TV Também é Cultura*, discorre sobre a importância e necessidade do Brasil Ter uma política cultural que considere a televisão também como cultura. O segundo, de autoria de Sérgio Caparelli (1985), intitulado *Política da Radiodifusão no Brasil*, estuda a legislação brasileira para o setor, abordando suas origens, evolução e quadro atual. O autor debate, ainda, as influências políticas e econômicas, domésticas e estrangeiras, sobre o setor.

2.4. ASPECTOS ECONÔMICOS

Os aspectos do desenvolvimento econômico da televisão e de sua interrelação com o sistema capitalista do País têm sido objeto de inúmeros estudos que vêm sendo realizados desde a década de 70. Alguns se dedicam à análise da estrutura empresarial e industrial da televisão, enquanto outros estudam aspectos de seu desenvolvimento dentro do modelo capitalista dependente brasileiro. Esta secção está, portanto, subdividida em duas parte, que correspondem às tendências dos trabalhos selecionados.

2.4.1. A Televisão e sua estrutura

Muniz Sodré (1977), no livro *O Monopólio da Fala*, além de fazer uma análise sobre a função e a linguagem da televisão no Brasil, aponta o desenvolvimento deste veículo, nos últimos anos, como uma das conseqüências da ideologia do modelo nacional de crescimento econômico importado. Segundo o autor, os meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, contribuíram para estimular o consumo, em larga escala dos bens e serviços de luxo produzidos pelo sistema capitalista.

Em 1978, a ABEPEC – Associação Brasileira de Pesquisadores da Comunicação, realizou um importante levantamento, de abrangência nacional, sobre a televisão brasileira considerando sua programação, sua estrutura organizacional e sua dependência aos grandes centros de produção. O levantamento foi executado por 320 pesquisadores, de várias regiões do País, que mapearam a estrutura de 81 emissoras de televisão e os respectivos sistemas de funcionamento durante o período de 6 a 12 de março de 1978.

Sobre este levantamento da ABEPEC, José Marques de Melo escreveu dois ensaios: *O Complexo Brasileiro de Televisão* (1979) e *Escapismo e Dependência na Programação da TV Brasileira* (1981).No primeiro, ele analisa as tabelas estatísticas que registram as informações da pesquisa. No segundo, Marques de Melo discute aspectos do conteúdo da programação da amostra mapeada pela ABEPEC e analisa algumas das

características tecnológicas das emissoras pesquisadas.

Em 1982, José Manuel Morán concluiu sua tese, *Contradições e Perspectivas da Televisão Brasileira*, na qual a televisão aparece como um meio de comunicação capitalista e contraditório. Sérgio Caparelli (1982) também estuda a televisão dentro do capitalismo dependente, no livro *Televisão e Capitalismo no Brasil*. Este trabalho é uma reflexão crítica sobre o duplo papel da televisão como agente e reflexo da estrutura sócio-econômica, política e cultural do Brasil. A obra está dividida em três partes: a) um ensaio sobre a evolução da TV no Brasil; b) uma análise da problemática referente à reprodução pela TV da ideologia das emissoras.

A estrutura organizacional das emissoras de televisão foi estudada, também, por Carlos Eduardo Potsch de Carvalho e Silva (1983), numa tese de mestrado: *Estratégia Empresarial e Estrutura Organizacional nas Emissoras de TV Brasileiras (1950-1982)*. O autor pesquisou a evolução da televisão, considerando sua estrutura organizacional e sua estratégia de crescimento dentro do contexto econômico no período que compreende sua implantação, em 1950, até o ano de 1982. Ele analisa a TV como produto industrial em si, ao mesmo tempo em que a relaciona com todo o processo de industrialização do País.

Em 1984, José Manuel Morán publicou o ensaio *A Credibilidade dos Comerciais de Televisão*, destacando os fatores que levam um comercial de TV a ter credibilidade junto a sua audiência. Aliás, o sistema comercial da TV brasileira, sua dinâmica de mercado e perspectivas são analisadas, também, por César Ricardo Siqueira Bolaño, em sua tese de mestrado apresentada na Unicamp, em 1986: *Mercado Brasileiro de Televisão: Uma abordagem dinâmica*.

Baseado nesta tese, Bolaño publicou, em 1988, o livro *Mercado Brasileiro de Televisão*, aprofundando a análise econômica do sistema comercial de nossa televisão. O autor avalia "as bases sobre as quais se assenta o sistema brasileiro de televisão comercial". O elemento central de sua análise "é a distribuição da verba de mídia e a luta competitiva entre as emissoras por abocanhar uma parte desse bolo". O autor ressalta, ainda, a "indústria cultural como elemento indissociável do desenvolvimento do Capitalismo Monopolista".

2.4.2. A Televisão como veículo dependente

A Televisão como instrumento do Neocapitalismo: Evidências do caso brasileiro é o título do ensaio de José Marques de Melo, publicado em 1979. Utilizando-se, mais uma vez, dos dados da pesquisa realizada pela ASBEPEC (1978), o autor analisa e demonstra a dependência tecnológica, cultural e informativa do sistema brasileiro de televisão. Segundo o autor "a implantação de meios de comunicação de massa nas áreas coloniais sempre obedeceu ao imperativo de introjectar a cultura e a ideologia do colonizador. No caso da televisão, esse papel avultou-se pela natureza do próprio meio e pela dependência que mantém em relação aos países metropolitanos.

Sobre a dependência da televisão brasileira no que se refere à programação, Joseph Straubhaar (1981) defende o ponto de vista de que depois da implantação da Rede Globo, a televisão brasileira passou a ter mais autonomia e independência em relação à televisão norte-americana. Em sua tese de doutoramento, **The Transformation of Cultural Dependence: The Decline of American Influence on the Brazilian Television Industry**, Straubhaar discute as transformações da participação norte-

americana na estrutura empresarial e programação da televisão brasileira.

Sérgio Mattos (1982) na sua tese de doutoramento, *Domestic and Foreign Advertising in Television and Mass Media Growth: A Case Study of Brazil*, defendida na Universidade do Texas, EUA, apresenta a seqüência histórica do relacionamento entre a indústria da publicidade (doméstica e estrangeira) e os meios de comunicação de massa, destacando a televisão como maior veículo publicitário do Brasil. O estudo de Mattos foi realizado considerando o contexto sócio-econômico e político do modelo de desenvolvimento dependente adotado pelo regime militar brasileiro. Sua análise abrange o período de 1964 a 1982. O autor apresenta evidências de que este contexto influenciou direta e indiretamente o desenvolvimento da televisão e da indústria publicitária, da qual a primeira é dependente. Os dados deste estudo demonstram que tanto os veículos de comunicação quanto o setor publicitário se beneficiaram, estrutural e empresarialmente, das políticas sócio-econômicas adotadas pelo regime. Como uma consequência do modelo adotado, Mattos esclarece que houve um aumento nos gastos publicitários, além de um rápido crescimento dos veículos de comunicação no Brasil, principalmente a televisão.

Em 1982, o livro *A Teleinvasão: a participação estrangeira na televisão brasileira*, de Carlos Rodolfo Ávila, salienta, numa visão diacrônica, a dependência da nossa televisão, revelando a maneira pela qual o capital multinacional participa da TV no Brasil, num "processo acumulativo da mais-valia tanto material quanto ideológica".

Num ensaio intitulado *O Declínio da Influência Americana na Televisão Brasileira*, Joseph Straubbhaar (1983) aponta o aumento do total de horas de produção nacional transmitidas pela televisão como evidência da diminuição da influência norte-americana neste veículo. O autor cita que além da nacionalização dos programas, vem ocorrendo também uma situação que ele denomina de "abrasileiramento" de conceitos norte-americanos de direção televisiva.

Em 1983, Sérgio Mattos volta a analisar as relações entre a indústria brasileira e dois fatores que mais influenciaram seu crescimento: O Estado e a indústria publicitária. A análise é feita no ensaio intitulado *Publicidade e Influência Governamental na Televisão Brasileira*. O autor detalha as mais variadas formas desta influência, das legais às econômicas.

Emile G. McAnany (1983) discute o conceito de dependência cultural na América Latina, tomando a televisão brasileira como exemplo, no ensaio intitulado: *A Lógica da Indústria Cultural na América Latina: A Indústria da Televisão no Brasil*. Ele defende o ponto de vista de que as políticas nacionais de cultura são insuficientes para mudar o quadro desta dependência.

Em 1984, Sérgio Mattos publicou o artigo *Advertising and Government Influences: The Case of Brazilian Television*, analisando o crescimento da TV Globo durante os anos do regime militar até atingir a sua atual posição de dominação. O autor argüi que o desenvolvimento da televisão brasileira pode ser melhor entendido se observados os fatores intervenientes nacionais (como o desenvolvimento da indústria publicitária e o papel desenvolvido pelos governos militares) do que se for procurar respostas nas teorias internacionais de imperialismo e dependência dos meios de comunicação de massa. O autor defende, ainda, que a TV Globo cresceu como resultado, primeiro, do rápido desenvolvimento da economia brasileira e de sua indústria publicitária, e, em

segundo lugar, do relacionamento amigável mantido com os governos militares.

Em 1985, José Marques de Melo publicou o livro *Para uma leitura crítica da comunicação*, abordando quatro importantes aspectos da comunicação: 1) a questão da leitura; 2) a relação entre televisão, poder e dependência cultural; 3) considerações sobre a imprensa, jornalismo e relações públicas; 4) a posição da Igreja frente à comunicação.

2.5. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Nesta secção estão os estudos sobre televisão que não tendo sido incluídos nos quatro grandes grupos foram analisados à luz dos seguintes temas: 1) Audiência e televisão; 2) Educação, satélite e televisão; 3) Cinema, literatura e televisão.

2.5.1. Audiência e televisão

Em 1975, a Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo publicou o estudo realizado por Heli Correa e Antônio de Almeida Ramos: *Pesquisa de Audiência de R*

Rádio e Televisão e de Leitura de Jornais e Revistas. Este trabalho tinha como objetivo conhecer os hábitos dos agricultores em relação ao rádio, televisão, jornais e revistas.

Em 1984, José Marques de Melo publicou um artigo, As Pesquisas de Audiência na Televisão Brasileira, no qual tece comentários sobre as pesquisas de audiência e opinião pública nas empresas de televisão. Outro estudo que trata dos índices de audiência é o de César Ricardo Siqueira Bolaño, em 1987: *A Questão do Público de TV no Brasil: Reflexões sobre a Pesquisa Lintas*. Ele analisa uma pesquisa da Marplan nos oito maiores mercados consumidores do País e constata um dado considerado como fundamental: "88% dos lares das classes D e E (critérios ABA) possuem aparelho de televisão. Na classe C esta porcentagem se eleva para 90%. Isto num país onde as classes A e B (menos de 25% da população) são responsáveis por mais de 88% do consumo".

2.5.2. Educação, satélite e televisão

Em 1967, William A Herzog Jr. Escreveu um trabalho, *The Utilization of Radio and Television for Adult Education in Brazil*, no qual trabalha a problemática dos programas de educação de adultos através da mídia eletrônica que estavam sendo desenvolvidos no ano de 1967 e chega a uma série de conclusões. Entre elas a de que, no Brasil, os fatores políticos desempenham um papel muito importante na continuidade ou interrupção dos programas de alfabetização e educação suplementar através dos veículos eletrônicos, principalmente a televisão.

Em 1980, Odilon Belém, em sua tese de mestrado *A TVE de Gilson Amado e Carneiro Leão*, discorre sobre a implantação e aproveitamento da televisão educativa no Brasil. Ele considera as vantagens da televisão sobre o rádio, realizando um levantamento da programação da TVE do Rio desde a sua fundação.

Luís Fernando Santoro (1980) desenvolveu algumas reflexões sobre *O Rádio e a Televisão como objetos de ensino*. O autor sugere diretrizes para a execução de projetos que utilizem os veículos de comunicação de massa com objetivo precípuo de

formar a consciência crítica dos receptores.

Emile McAnany e João Batista de Oliveira realizaram, em 1981, uma avaliação das experiências do projeto SACI/EXERN, respectivamente em São José dos Campos-SP, e em Natal-RN, que utilizaram tecnologias educacionais através de satélites artificiais de comunicação. O relatório apresenta a reconstituição histórica do projeto.

Luís Navarro de Brito publicou, em 1981, o livro *Teleducação - O uso de satélites: política, poder, direito*, que trata do uso de satélites artificiais de comunicação com fins educativos. O autor apresenta um levantamento da regulamentação jurídica das telecomunicações educativas e discute a problemática que envolve a cooperação internacional neste setor.

Em 1984, Matias José Ribeiro publicou um ensaio sobre a utilização de satélites artificiais para a transmissão direta de programas televisivos: *Os Satélites vão levar todas as tevês do mundo para sua casa*.

Maurício Gabriel Lotar Júnior (1984), por sua vez, trabalhou *O Computador e a Televisão como recursos no processo ensino - aprendizagem*. Este foi o tema de sua tese de mestrado, cujo principal objetivo era verificar todas as possibilidades de utilização das tecnologias disponíveis para fins de educação.

2.5.3. Cinema, literatura e televisão

O Cinema frente à TV é o título do livro de Luís Espinhal (1981) que desenvolve um estudo comparativo das linguagens cinematográficas e televisivas sob três aspectos: a realidade, a imagem e o espectador. Como anexo de seu estudo, Espinhal apresenta um glossário do vocabulário televisivo.

Lucrécia D'Aléssio Ferrara, no livro *Da Literatura à Tevê*, apresenta um estudo de três textos literários que foram adaptados para utilização na televisão. Ela se concentra na análise de dois aspectos: a seleção do material e a transformação do material literário ao ser adaptado. A autora considerou, na análise dos textos, a estrutura da linguagem e se a produção situou ou não o texto historicamente.

Em 1983, Doc Comparado no livro, *Roteiro: Arte e Técnica de Escrever para Cinema e Televisão*, apresenta, com detalhes, todas as etapas necessárias para a produção de um roteiro. O autor explica as diferenças entre um *script* para televisão e cinema e, didaticamente, orienta os passos a serem seguidos no sentido de se fazer a adaptação de um romance para cinema ou vídeo.

Vera Iris Paternostro (1987) publicou o trabalho intitulado *O Texto na TV: Manual de Telejornalismo* que se caracteriza como um livro didático. Em sua primeira parte a autora apresenta uma síntese da história da televisão, no Brasil e no mundo, do ponto de vista tecnológico, classificando a evolução deste veículo sob três aspectos: TV ao vivo, revolução do videoteipe e produção independente. Na Segunda parte do livro a autora orienta como proceder para escrever textos para a televisão.

No ano de 1990, publicado também pela Editora Brasiliense, surgiu mais um livro didático nesta área: *Aprender Telejornalismo: Produção e Técnica*, de autoria de Sebastião Squirra. Neste livro Squirra, utilizando-se de sua experiência prática como

jornalista de televisão e professor da área, esboça as principais linhas necessárias ao aprendizado e à prática do telejornalismo. Em síntese, neste livro, dividido em duas partes – processo e técnica – o autor apresenta alternativas didáticas e profissionalizantes para a produção de entrevistas, reportagens, edição e apresentação das telenotícias, fornecendo ainda noções técnicas sobre a imagem, a câmara eletrônica, linguagem, iluminação e sonoplastia.

3. CRONOLOGIA DA TELEVISÃO BRASILEIRA (1950-1990)

1950

* Em 18 de setembro de foi inaugurada a TV-Tupi Difusora de São Paulo, a primeira emissora do Brasil.

* No dia 19 de setembro foi ao ar o primeiro telejornal brasileiro: "Imagens do Dia".

1951

* No dia 20 de janeiro foi inaugurada a TV-Tupi do Rio de Janeiro.

* Foi iniciada, no Brasil, a fabricação de televisores. A marca era "Invictus".

* No dia 21 de dezembro começou a transmissão da primeira telenovela brasileira, "Sua vida me pertence", escrita por Walter Foster. Esta novela era transmitida em dois capítulos por semana. Tinha o patrocínio da Coty era produzida pela agência de publicidade norte-americana J.W. Thompson.

1952

* No dia 14 de março foi inaugurada a TV Paulista.

* No dia 1º de abril foi transmitida primeira edição do seu "Repórter Esso", que permaneceu no ar até o dia 31 de dezembro de 1970.

1953

A TV Record iniciou suas transmissões no dia 27 de setembro, em São Paulo. Foi a primeira emissora a ser inaugurada em prédio construído especificamente para televisão e não adaptado como as demais.

1954

* A TV Record transmitiu o primeiro seriado de aventuras produzido no Brasil: "Capitão 7", estrelado por Ayres Campos e Idalina de Oliveira.

1955

- * No dia 15 de julho , foi ao ar a TV Rio, Canal 13, da Guanabara.
- * No dia 18 de dezembro a TV-Tupi Difusora de São Paulo realizou a primeira transmissão direta: um jogo de futebol realizado entre as equipes do Santos e do Palmeiras, na cidade de Santos, em São Paulo.

1956

- * No dia 22 de fevereiro foi realizada a primeira transmissão direta interestadual. Os paulistas assistiram a partida disputada entre Brasil e Inglaterra, realizada no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro.

1957

- * Foram iniciadas, em São Paulo, as transmissões sistemáticas para o interior do Estado.
- * Dez emissoras de televisão já estavam em operação no País.

1958

- * Foi inaugurada a TV Cultura, Canal 2, de São Paulo.

1959

- * Em outubro, o ministro da Justiça, Armando Falcão, assinou a primeira legislação regulamentando a censura na televisão brasileira, proibindo a divulgação de qualquer declaração do deputado Tenório Cavalcanti sobre o caso Sacopã.
- * A AEG Telefunken lançou no País o seu primeiro televisor, em preto e branco, com 21 polegadas.

1960

- * No dia 7 de setembro foi inaugurada, por um grupo de empresários santistas, a TV-Excelsior.
- * No dia 19 de novembro foi inaugurada em Salvador , a TV Itapoan.
- * A TV Tupi usou, pela primeira vez, o videotape, numa adaptação de "Hamlet", de Shakespeare. Foi o primeiro teleteatro a usar o VT no Brasil.
- * Foi transmitido pela TV Cultura de São Paulo o primeiro Telecurso brasileiro, visando preparar candidatos ao exame de admissão ao ginásio.

1961

- * No dia 30 de maio o Conselho Nacional de Telecomunicações (CONTEL) foi criado pelo Decreto No. 50.666.

1962

- * Decreto presidencial obrigou que todos os filmes transmitidos pela TV fossem dublados.
- * A televisão já absorvia 24% dos investimentos publicitários do País.
- * Foi promulgado o Código Brasileiro de Telecomunicações.
- * Foram realizadas as primeiras experiências de televisão educativa no Rio de Janeiro,

quando a TV Continental transmitiu aulas básicas do Curso de Madureza, simultaneamente com a TV-Tupi Difusora de São Paulo.

1963

- * Foi ao ar a primeira telenovela brasileira em capítulos diários: "25-499- Ocupado", produzida pela TV Excelsior.
- * Foi promulgado o decreto que regulamentou a programação ao vivo na televisão.
- * O Decreto No. 52.795, de 31 de outubro, regulamentou os serviços de radiodifusão, fixando os objetivos do rádio e da televisão, considerados de interesse nacional.
- * A televisão brasileira começou a transmitir os grandes shows musicais.
- * Na Espanha, o Prêmio Ondas foi concedido ao programa jornalístico "Jornal de Vanguarda", apresentado inicialmente pela TV Excelsior, como o melhor telejornal do mundo.

1964

- * No ano do golpe militar havia, no País, 34 estações de televisão e mais de 1.800.000 aparelhos receptores.
- * Foi concedido um canal de televisão às Organizações Globo, de propriedade de Roberto Marinho.
- * A TV Rio transmite a novela de maior sucesso na década: "O Direito de Nascer".

1965

- * No dia 26 de abril foi inaugurada a TV Globo, no Rio de Janeiro.
- * Começa a distribuição, em nível nacional, dos programas gravados em videotape e produzidos no Rio de São Paulo.
- * A TV Excelsior realizou o primeiro Festival de Música Popular Brasileira.
- * Em julho, o Ministério da Educação e Cultura – MEC, formalizou o pedido de reserva de 100 canais de televisão para fins educativos.
- * Foi criada a Embratel.

1966

- * ATV Excelsior, de São Paulo, iniciou em 16 de maio a transmissão da mais longa telenovela da história da televisão brasileira: "Redenção", que ficou no ar até o dia 2 de maio de 1968, apresentando um total de 596 capítulos.
- * O controle acionário da TV Paulista, Canal 5, foi transferido da Organização Vitor Costa para Roberto Marinho (Organizações Globo), que desta forma passou a Ter a sua Segunda emissora.
- * Através do Decreto No. 59.366, de 14 de outubro, foi instituído o Fundo de Financiamento de Televisão Educativa.

1967

- * Foi criado o Ministério das Comunicações.
- * Foram realizados os primeiros estudos para a implantação de um sistema doméstico de comunicações por satélite, com a elaboração do Projeto SACI (Satélites Avançados de Comunicações Interdisciplinares), para fins de Teleducação.
- * A TV Bandeirantes, de propriedade de João Saad, iniciou suas transmissões no dia 13

de maio, em São Paulo.

* O Decreto-Lei No. 236, de 28 de fevereiro, modificou o Código Brasileiro de Telecomunicações, estabelecendo o total de, no máximo 10 estações para cada grupo/entidade, limitando em 5 o número de emissoras em VHF.

1968

* Foi criada por Decreto, no dia 15 de janeiro, a AERP – Assessoria Especial de Relações Públicas, que passou a controlar a propaganda política do governo militar.

* No dia 4 de abril morre Assis Chateaubriand, o jornalista que trouxe a televisão para o País.

* Renovando a linguagem das telenovelas e introduzindo a figura do anti-herói, foi ao ar, no dia 4 de novembro, a telenovela "Beto Rockfeller", produzida pela TV Tupi. Esta novela ficou no ar por mais de um ano e é considerada como um marco da televisão brasileira.

* Foi inaugurada a rede nacional de microondas.

* A TV Globo inaugurou sua terceira emissora geradora, em Belo Horizonte.

1969

* Um incêndio nas instalações da TV Globo de São Paulo levou a rede a centralizar suas produções no Rio de Janeiro.

* Os brasileiros assistiram ao vivo, transmissão via satélite, o homem pousando na lua.

* No dia 1º de setembro o "Jornal Nacional", da Rede Globo foi ao ar pela primeira vez.

* Um incêndio destruiu todo o equipamento da TV Bandeirantes, que continuou transmitindo suas imagens dos seus caminhões de externa.

* A TV Cultura de São Paulo, que começou como emissora comercial vinculada ao Condomínio Acionário das Emissoras e Diários Associados, foi vendida à Fundação Padre Anchieta – Centro Paulista de Rádio e Televisão Educativa.

* Uma mensagem do Papa Paulo VI, recebida via satélite, inaugurou o primeiro Centro de TV, em Tanguá, no Rio de Janeiro, que passou a ser responsável pela interligação das emissoras de televisão.

* No dia 15 de março foi inaugurada a TV Aratu, Canal 4, a Segunda emissora de televisão da Bahia.

1970

* O censo demográfico nacional registrou que 27% das residências brasileiras já estavam equipadas com televisores.

* A TV Gazeta, de propriedade da Fundação Cásper Líbero, iniciou suas transmissões no dia 25 de janeiro, em São Paulo.

* A Copa do Mundo de 1970 foi transmitida ao vivo para todo o País.

* Em 28 de setembro o governo federal cassou, definitivamente, a concessão do canal da TV Excelsior.

1971

* O Ministério das Comunicações começou a considerar a utilização de satélites para telecomunicações domésticas.

* O Ministério das Comunicações baixou decreto regulamentando três minutos de intervalo comercial para cada 15 de programação.

- * A TV Excelsior encerrou suas atividades.
- * Trinta e um por cento das residências brasileiras já estavam equipadas com televisores.
- * A Globo inaugura sua emissora do Recife.
- * A Bandeirantes transmitiu os primeiros programas a cores da televisão brasileira.

1972

- * No dia 31 de março ocorreu a primeira transmissão oficial a cores no País, quando foi transmitida a Festa da Uva, em Caxias do Sul.
- * O Prontel (Programa Nacional de Telecomunicações) foi regulamentado.
- * A Rede Globo inaugurou sua emissora de Brasília.

1973

- * A Rede Globo produziu sua primeira telenovela colorida: "O Bem-Amado", que foi veiculada no período de 24 de janeiro a 8 de outubro. Essa novela foi responsável pela consolidação do horário das 22 horas para este gênero de programa.
- * O merchandising – a publicidade indireta de algum produto inserido no conteúdo do programa transmitido – foi introduzido na TV através da novela "Cavalo de Aço", da Rede Globo. O merchandising também é definido como a publicidade que é feita fora dos intervalos comerciais.

1974

- * Começaram a operar as estações rastreadoras de satélites de Tanguá, Manaus e Cuiabá, com o objetivo de distribuir os sinais de televisão.
- * A TV Tupi inicia a implantação das "programações nacionais", padronizando seus programas em todo o País. Tal medida foi adotada também pela Globo, em 1975, e, em seguida, por todas as demais redes.

1975

- * A censura federal proibiu a exibição da telenovela "Roque Santeiro", de Dias Gomes, que só foi veiculada pela Rede Globo 10 anos depois.
- * Implantou-se no País o conceito de Rede de Televisão, devido ao sucesso da programação nacional.
- * No dia 15 de dezembro, foi fundada, através da Lei 6.301, a Radiobrás.

1976

- * O Brasil ocupa o quarto lugar entre os maiores usuários do Satélite Intelsat.
- * Em janeiro, o Grupo Sílvio Santos ganhou a sua primeira concessão de um canal de TV, no Rio de Janeiro.
- * A Rede Globo iniciou a exportação de seus programas, dublados em espanhol, para países da América Latina.
- * O governo aprovou o projeto de um Sistema Brasileiro de Telecomunicações por Satélite (SBTS), mas foi sustado em maio de 1977, devido à situação econômico-financeira do País.
- * Um incêndio destruiu parte das instalações da TV Globo, no Rio de Janeiro, descentralizando assim a programação da rede, que passou a ser produzida em outras

idades.

1977

* Foram iniciados os estudos de meios alternativos para o atendimento das localidades que seriam servidas pelo SBTS. Como resultado, foi sugerido o aluguel de capacidade nos satélites do Intelsat.

* O governo baixou decreto regulamentando a propaganda gratuita oficial durante 10 minutos por dia.

* A TV Bandeirantes inaugurou no Rio de Janeiro a TV Guanabara e deu início à sua rede.

* Um acordo operacional entre Silvio Santos e Paulo Machado de Carvalho permitiu que a TVS e a TV Record começassem a operar em conjunto.

1978

* Uma pesquisa realizada em nível nacional, pela ABEPEC, sobre a televisão brasileira constatou que as telenovelas já ocupavam 12% do total da programação, enquanto os filmes ocupavam 22% do tempo total. Foi constatado também que, durante a primeira semana de março, 48% de toda a programação transmitida pela TV brasileira era importada.

* O total de aparelhos de televisão era de 14.825.000, de acordo com estimativas da ABINEE.

1979

* O presidente Ernesto Geisel extinguiu o AI-5, em março.

* A TVE do Rio de Janeiro, de propriedade da Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa, passou a integrar o Sistema Nacional de Televisão Educativa, coordenando as nove emissoras de televisão educativa existentes no País.

* A Globo começou a produzir e a transmitir as "Séries Brasileiras"

1980

* O Governo cassou, no dia 14 de julho, por corrupção financeira e dívidas para com a Previdência Social, a concessão de todos os canais da Rede Tupi, pertencentes aos Diários Associados, distribuindo-os depois entre Silvio Santos (SBT) e Adolfo Bloch (Manchete).

* Existem, no País, 106 emissoras comerciais e 12 estatais.

* A Rede Globo recebeu o Prêmio Salute, concedido pela "International Council of the National Academy of Television, Arts and Sciences, dos Estados Unidos, devido à qualidade dos programas por ela produzidos.

1981

* A Rede Globo passou a investir no telejornalismo, lançando o "TV Mulher" e o "Bom Dia Brasil", lançado pouco tempo depois nos mesmos moldes do programa norte-americano "Good Morning America".

* Em agosto, a rede de emissoras de televisão de Silvio Santos, a SBT(Sistema Brasileiro de Televisão) iniciou suas transmissões.

1982

- * A Crítica italiana concedeu o Prêmio Asa de Ouro do Sucesso à telenovela "Dancin' Days", produzida pela TV Globo e transmitida no Brasil no período de 10 de julho de 1978 a 26 de janeiro de 1979.
- * Começou o "boom" do videocassete no País e a expansão da produção independente de vídeo.
- * O programa especial "Morte e Vida Severina", produzido pela Rede Globo, ganhou o Prêmio Emmy, concedido pelo International Council of the National Academy of Arts and Sciences dos Estados Unidos.
- * A TV Bandeirantes foi a primeira emissora a utilizar o satélite em suas transmissões, substituindo o sistema de microondas e barateando os seus custos.
- * Foi criado o SINRED (Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa) vinculado ao Ministério da Educação e Cultura e ao Ministério das Comunicações.
- * Em 9 de agosto, a Produtora Independente de Vídeo da Editora Abril foi lançada no mercado de televisão, através da TV Gazeta, de São Paulo, que lhe reservou 15 horas semanais no horário nobre.

1983

- * A Rede Manchete iniciou suas transmissões no dia 5 de junho com cinco emissoras próprias e uma afiliada, a TV Pampa, de Porto Alegre.
- * A Sociedade de Radiodifusão Ebenezer ganhou a concessão do canal 13, TV Rio, que em 1975 teve seus transmissores lacrados pelo Dentel e sua concessão cassada por motivo de falência.
- * O "Jornal Nacional", da Rede Globo, já era o programa de maior audiência da televisão brasileira.

1984

- * A televisão aderiu à campanha das eleições das "Diretas Já".
- * Através da telenovela "Transas e Caretas", de Lauro César Muniz, a Globo popularizou o videogame ATARI por todo o País. No merchandising inserido na novela, se chegava ao requinte de ensinar o telespectador como usar o cartucho verdadeiro, evitando o "pirata" que danificaria o equipamento.

1985

- * A Globo começou a planejar sua expansão no exterior.
- * O primeiro satélite brasileiro com 24 canais foi lançado em março de 1986. Em 1988, o País possuía 48 canais.
- * No dia 15 de janeiro de 1985, a televisão brasileira transmitiu ao vivo a eleição indireta de Tancredo Neves, presidente, e José Sarney, vice-presidente.
- * A Globo deixou de veicular o programa infantil "Sítio do Pica-pau Amarelo", levado ao ar no período de 7 de março de 1977 a 1985. Este programa foi considerado pela UNESCO como o melhor programa infantil do mundo.
- * Foi inaugurada em Salvador/Bahia, a TV Bahia, Canal 11, inicialmente transmitindo a programação da Manchete e atualmente a da Globo.

1986

- * Um incêndio destruiu 90% dos equipamentos da TV Cultura.

* Foi inaugurada a TV Educativa da Bahia, vinculada à Fundação Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia.

1987

* As exportações dos programas da Rede Globo atingiram o total de US\$ 20 milhões.

* A Televisão atingiu uma audiência potencial de 90 milhões de telespectadores, equivalente a 63% da população brasileira.

* Existiam 31 milhões de aparelhos de tevê no País. Destes, 12,5 milhões eram de aparelhos em cores.

1988

* Existiam quase três milhões de aparelhos de videocassete no País.

* Em outubro foi promulgada a nova Constituição brasileira, modificando o sistema de concessões de canais de rádio e de televisão.

* Em 1º de junho, o canal 13 do Rio de Janeiro reiniciou suas transmissões baseada em programas evangélicos e jornalísticos.

1989

* Mais de 64% das 34.860.700 residências do País já estavam equipadas com aparelhos televisores.

1990

* A Rede Manchete passou a produzir novelas e minisséries, investindo nas belas paisagens do interior do País e explorando a sensualidade do nu feminino. Com esta estratégia conseguiu tomar preciosos pontos da audiência das novelas da Globo. A novela "Pantanal" foi o marco desta nova fase das produções da Manchete.

* A televisão transmitiu, para todo o País, a posse do primeiro presidente civil, eleito pelo voto direto, depois do Golpe de 1964.

* Através do decreto No. 99.180, de 15 de março, que dispõe sobre a reorganização dos órgãos da Presidência da República e dos Ministérios, foi criado o Ministério da Infra-Estrutura, que entre outros órgãos absorveu o Ministério das Comunicações. O antigo Ministério foi transformado na Secretaria Nacional de Comunicações, composto por: Departamento Nacional de Administração de Freqüência; Departamento Nacional de Serviços Públicos; Departamento Nacional de Serviços Privados, e Departamento Nacional de Fiscalização das Comunicações.

* No dia 30 de julho, o Departamento Nacional de Serviços Privados da Secretaria Nacional de Comunicações do Ministério da Infra-Estrutura, baixou a Instrução No. 04, estabelecendo procedimentos para a solicitação de instalações de estações dos serviços de Radiodifusão e Especiais de Televisão por assinatura e de Retransmissão de Televisão.

* Em setembro, um documento contendo nove mil assinaturas contra a "licenciosidade e violência na tevê" foi entregue ao Ministro da Justiça por representantes de um grupo que se autodenomina "O amanhã dos nossos filhos".

* No dia 11 de setembro, durante a abertura do seminário intitulado "A Problemática da Comunicação de Massa: Reflexões e Soluções", promovido pelo governo, em Brasília, o Ministro da Justiça, Bernardo Cabral, posicionou-se contra o retorno da censura oficial à televisão, defendendo o ponto de vista de que cada veículo de comunicação deve estabelecer seus limites ao tratar de assuntos controvertidos. O

ministro afirmou que não há nenhuma possibilidade de a televisão brasileira voltar a ser vítima da censura prévia.

* No dia 18 de setembro, a televisão brasileira completou 40 anos, demonstrando Ter atingido, com sua criatividade, uma maturidade capaz de competir, no exterior, ampliando as exportações de seus programas.

4 BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA FILHO, Hamilton, e outros. *O Ópio do Povo: O Sonho e a Realidade*. São Paulo, Símbolo, 1976.
- ALMEIDA, Mauro Lauria de. *A General View of The Development of the Mass Media and Advertising in Brazil*. Austin, Texas, EUA: The University of Texas, 1968 (Tese de mestrado). ALMEIDA, Mauro. *A Comunicação de Massa no Brasil*. Belo Horizonte, MG.: Edições Júpiter, 1971.
- ABEPEC – Associação Brasileira de Pesquisadores da Comunicação -, PUC - Pontifícia Universidade Católica. Pesquisa Sobre a Televisão Brasileira. Porto Alegre, ABEPEC/PUC, 1978.
- AMARAL, Hélio Soares. *Censura e Televisão*. Rio de Janeiro, ECO/UFRJ, 1980. (Tese de mestrado).
- AMARAL VIEIRA, R. A.- "O Papel do Rádio e da Tevé na Formação da Cultura Brasileira", in *Comum*, Rio de Janeiro, 2:31-68, 1978.
- ÁVILA, Carlos Rodolfo Amêndola. *A Teleinvasão: a participação estrangeira na televisão do Brasil*. São Paulo: Cortez, 1982.
- BALTAZAR, Jelcy Maria. "Os Flinststones: estereótipo da relação familiar", in *Comunicação & Sociedade*, São Paulo, IMS/Edições Liberdade, Ano VII (15):165-168, novembro de 1987.
- BARROS, Sônia Miceli Pessoa de. *Imitação da Vida (Pesquisa exploratória sobre a telenovela no Brasil)*. São Paulo: USP, 1974 (Tese de mestrado).
- BELÉM, Odilon. "A TVE de Gilson Amado e Carneiro Leão". Rio de Janeiro, ECO/UFRJ, 1980 (Tese de mestrado).
- BENJAMIM, Roberto. *Programação da TV Brasileira*. Recife, Universidade Católica de Pernambuco, 1968.
- BERALDI, Maria José. *Televisão e Desenho Animado: O Telespectador Pré-Escolar*. São Paulo: Faculdade de Educação da USP/1979. (Tese de mestrado).
- BIZINOVER, Ana Lúcia. "Globo for exports", in *Status*. São Paulo: Editora Três Ltda., No. 126 (janeiro 1985): 47-51.
- BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. *Mercado Brasileiro de Televisão: Uma Abordagem Dinâmica*. Unicamp, 1986. (Tese de mestrado).
- BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. "A Questão do Público de TV no Brasil: Reflexões sobre a Pesquisa Lintas", in *Revista Brasileira de Comunicação*, No. 56, São Paulo, 1987.
- BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. *Mercado Brasileiro de Televisão*. UFS/PROEX, Cecac, Projeto Editorial, 1988.
- BOMENY, Helena Maria Bonsquest. *Paraíso Tropical: A Ideologia do Civismo na TVE do Maranhão*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- BRAGA, Geraldo Magela. "Industria Cultural e Comunicação e Desenvolvimento" in *Revista do Intercom*, No. 55(julho/dezembro)1986,pp. 71-86.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 5 de outubro de 1988.
- BRITTO, Luiz Navarro. *Teleducação – O uso de satélites: política, poder, direito*. São Paulo: TAQ, 1981.
- BROSE, Reinaldo. *O Visitante Eletrônico*. São Paulo, Imprensa Metodista, 1980.
- BUSTAMANTE, Maria Célia Fortes Santos de. *TV e Dinâmica familiar*. Rio de Janeiro:

ECO/UFRJ, 1980 (Tese de mestrado).

CAMARGO, Nely de. *A Televisão e o quadro de referência socio-cultural: o público dos telepostos de São Luís-Maranhão*. São Paulo: ECA/USP, 1972. (Tese de doutorado).

CAMPEDELLI, Samira Youssef. *A Telenovela*. São Paulo, 1985.

CAPARELLI, Sérgio. *Televisão e Capitalismo no Brasil*. Porto Alegre: L & M, 1982.

CAPARELLI, Sérgio. "Televisão e mobilização popular", in *Cadernos Intercom*, São Paulo: Intercom/Cortez, 1(2):56-64, 1982.

CAPARELLI, Sérgio. "Política da radiodifusão no Brasil", in *Rádio e Cultura no Brasil, Caderno Intercom*, No. 8, 1985, São Paulo: Cortez Editora, pp.15-24.

CASTRO, Arlindo. *TV também é cultura*. Cuca-Cultura Capixaba (1): 39-40, julho/agosto, 1985.

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E DIVULGAÇÃO. *A Telenovela, Instrumento de Educação Permanente*. Petrópolis: Vozes, 1980.

COMPARATO, D. *Roteiro: Arte e Técnica de Escrever para Cinema e Televisão*. Rio de Janeiro, Nórdica, 1983.

CORREA, Heli, & RAMOS, Antônio de Almeida. *Pesquisa de Audiência de Rádio e Televisão e de Leitura de Jornais e Revistas*. São Paulo: Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, 1975.

COSTA, Alcir Henrique da. "Rio e Excelsior: projetos fracassados" in *Um País no ar: História da TV Brasileira em três canais*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, pp. 123-166.

COSTELLA, Antônio F. *O Controle da Informação no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.

COUTINHO, L.F. *Adolescentes e Televisão*. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 1972. (Tese de doutorado).

CUNDAPI, Paula Casari. *Assis Chateaubriand e a implantação da televisão no Brasil*. São Paulo, IMS, São Bernardo do Campo, 1984. (Tese de mestrado).

ESPINAL, Luís. *O Cinema frente à TV*. São Paulo: LIC Editores, 1981.

FADUL, Anamaria. "Decadência da cultura regional: a influência do Rádio e da TV", in *Comunicação e Incomunicação no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1976, pp. 49-54.

FARINA, Modesto. *Os estímulos utilizados pela propaganda televisionada e suas conseqüências no comportamento do mercado consumidor brasileiro*. São Paulo: ECA/USP, 1976. (Tese de mestrado).

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. *O Sistema Brasileiro de Radiodifusão: Estrutura e Funcionamento de uma empresa*. São Paulo: USP/ECA, 1979, 2vv. (Tese de mestrado).

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. *História da Comunicação: Rádio e TV no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1982.

FERNANDES, Ismael. *Memória da Telenovela Brasileira*. São Paulo: Proposta Editorial, 1982.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. *Da Literatura à Tevê*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *O Mito na sala de jantar: Discurso Infante-juvenil sobre televisão*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1984.

FURTADO, Rubens. "Programação I: Da Rede Tupi à Rede Manchete: uma visão histórica", in *TV ao Vivo: Depoimentos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, pp. 57-69.

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende. *Pica-pau-programação televisiva infantil – Telespectador paulistano da pré-escola: Práticas sociais de desinformação e deseducação de reciprocidade de efeitos*. São Paulo: Instituto de Psicologia, 1982. (Tese de mestrado).

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende. *O Educador e o Desenho Animado que a Criança vê na Televisão*. São Paulo: Loyola, 1985.

GADOTTI, Moacir. "A Televisão como educador permanente das classes trabalhadoras"

in *Cadernos do INTERCOM*. São Paulo: INTERCOM/Cortez, ano 1, No. 2: 65-72, 1982.

GOLDENSTEIN, Gisela T. *TV News and the Production of Reality*. Pesquisa patrocinada em nível internacional pela ISA, São Paulo, 1981.

HERS, Daniel. *A História Secreta da Rede Globo*, Porto Alegre: Tchê Editora, 1987.

HERZOG JR. William A. *The Utilization of Radio and Television for Adult Education in Brazil*. East Lansing: Michigan State University, Department of Communication, 1967.

LEAL FILHO, Laurindo. *Atrás das Câmaras*. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

LEAL, Ondina Fachel. *A Novela das Oito*. Porto Alegre: UFRS, 1983. (Tese de mestrado em antropologia).

LEAL, Ondina Fachel. *A Leitura da Novela das Oito*. Rio de Janeiro: Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. *Muito Além do Jardim Botânico*. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

LOTAR JUNIOR, Maurício Gabriel. *O Computador e a Televisão como recurso no processo ensino-aprendizagem*. São Paulo: ECA/UISP. 1984. (Tese de Mestrado).

LUZ, Inês Pereira. "TV: Mulher e a comunicação comunitária", in *Ideologia, Cultura e Comunicação no Brasil*. São Bernardo do Campo: IMS, 1982, pp.49-57.

KEHL, Maria Rita. "Eu vi um Brasil na TV", in *Um País no ar: História da TV Brasileira em três canais*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, pp. 167-323.

MARINS, Rui. *A Rebelião Romântica da Jovem Guarda*. São Paulo: Editora Fulgor, 1966.

MARQUES DE MELO, José. "A Telenovela: Catarse Coletiva", in *Vozes –O Revista de Cultura*, 63(1):16-19, jan. 1969.

MARQUES DE MELO, José. *Comunicação Social. Teoria e Pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

MARQUES DE MELO, José. *Comunicação, Opinião, Desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1971.

MARQUES DE MELO, José. "O Complexo Brasileiro de Televisão", in *Tecnologia Educacional*, 29, Rio de Janeiro, 1979.

MARQUES DE MELO, José. "A Televisão como instrumento do neocolonialismo: Evidências do caso brasileiro", in *Comunicação & Sociedade*. No. 1 (Julho) 1979, pp.167-187.

MARQUES DE MELO, José. "Escapismo e dependência na programação da TV brasileira", in *Comunicação & Sociedade* No. 5 (março)1981, pp.147-160.

MARQUES DE MELO, José. *Telemania, anestésico social*. São Paulo: Loyola, 1981.

MARQUES DE MELO, José. "As pesquisas de audiência na televisão brasileira", in *Comunicarte 3*, IAC/PUCCAMP, 1984.

MARQUES DE MELO, José. *As Telenovelas da Globo: Produção e Exportação*. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

MATTOS, Sérgio. *The Impact of the 1964 Revolution on Brazilian Television*. San Antonio, Texas, USA: Klingensmith Independent Publisher, 1982b.

MATTOS, Sérgio. "O Impacto da Revolução de 1964 no Desenvolvimento da Televisão" in *Cadernos do INTERCOM*: São Paulo: INTERCOM/Cortez Editora, ano 1, No. 2, pp. 29-43, 1982.

MATTOS, Sérgio. *Domestic and Foreign Advertising in Television and Mass Media Growth: A Case Study of Brazil*. Austin, Texas, USA, The University of Texas, 1982^a (Tese de doutorado).

MATTOS, Sérgio. "Publicidade e Influência Governamental na Televisão Brasileira", in *Comunicação & Sociedade*, No. 9 (junho)1983, pp. 94-119.

MATTOS, Sérgio. "Advertising and Government Influences: The Case of Brazilian Television", in *Communication Research*, vol.11, No.2(April 1984):203-220.

MATTOS, Sérgio. "Estado e Meios de Comunicação: O Controle Econômico", in

Comunicação e Transição Democrática, José Marques de Melo (org.). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985, pp. 62-79.

McANANY, Emile & OLIVEIRA, João Batista. *Estudio Analítico del Proyecto SACI/ EXERN del Brazil*. Paris: UNESCO, 1981.

McANANY, Emile G. "A lógica da indústria cultural na América Latina: A indústria da televisão no Brasil", in *Comunicação & Sociedade*, No. 9 (junho)1983, pp.35-60.

McCANN-ENERICKSON do Brasil. *Mídia no Brasil 89/90*. São Paulo, 1990.

MELO, Regina Coeli Pimenta de. *Indústria Cultural e Dependência: Uma proposta de reflexão no Brasil*. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1980 (Tese de mestrado).

MESQUITA, Humberto. *Tupi: A greve da fome*. São Paulo: Cortez Editora, 1982.

MICELI, Sérgio. *A Noite da Madrinha*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

MILANESI, Luís. *O Paraíso via Embratel*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

MIRANDA, Ricardo & PEREIRA, Carlos Alberto. *O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira: Televisão*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MORÁN, José Manuel. "A Mensagem Estética Televisiva", in *Comunicação & Sociedade*, São Paulo: IMS/Cortez, (2): 182-193, dez. 1979.

MORÁN, José Manuel. *Contradições e Perspectivas da Televisão Brasileira*. São Paulo: ECA/USP, 1982. (Tese de mestrado).

MORÁN, José Manuel, org. "Televisão, Poder e Classes Trabalhadoras". São Paulo: *Caderno Intercom*, No. 2, Cortez Editora, 1982.

MORÁN, José Manuel. "a Credibilidade dos comerciais de televisão", in *Mercado Global 59*, Central Globo de Comercialização, São Paulo, 1984.

MOTA, Davide da Conceição. *De Fato é Notícia*. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1981. (Tese de mestrado).

NOGUEIRA, Armando. "Telejornalismo I: A experiência da Rede Globo", in *TV ao Vivo: Depoimentos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, pp. 81-92.

NOGUEIRA, Luiz. *O Brasil e sua Política de Telecomunicações*. São Paulo. São Paulo: ECA/USP, 1978. (Tese de mestrado).

NUNES, Maria Helena Rennó. *A Televisão de Circuito Fechado como Recurso Instrucional para a Universidade: Experiência e Propostas*. São Paulo: ECA/USP, 1979. (Tese de mestrado).

ORTIZ, Renato e RAMOS, José Mário Ortiz. "A produção industrial e cultural da telenovela", in *Telenovela: História e Produção*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, pp. 111-182.

PACHECO, Elza Dias. *O Pica-pau, herói ou vilão? Representação social da criança e a reprodução da ideologia dominante*. São Paulo, PUC, 1981. (Tese de doutorado).

PATERNOSTRO, Vera Íris. *O Texto da TV: Manual de Telejornalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PENTEADO, Heloísa Dupas. *A Televisão e os adolescentes: a sedução dos inocentes*. São Paulo, FEUSP, 1983 (Série Estudos e Documentos, 22).

PIMENTEL, Vera Brandão. *O Monopólio da Fala na Comunidade Agro-Industrial de Delmiro Gouveia no Sertão Alagoano*. Rio de Janeiro, ECO/UFRJ, 1980.

PFROMM NETO, Samuel. *Comunicação de Massa: Natureza, Modelos Imagens*. São Paulo: Pioneira, 1972.

PFROMM NETO, Samuel. *Tecnologia da Educação e Comunicação de Massa*. São Paulo: Pioneira, 1976.

PRADO, João Rodolfo. *TV Quem Vê Quem*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda., 1973.

PRIOLLI NETO, Gabriel. "A TV para o bem do Brasil", in *Comunicação Hegemonia e Contra-Infomação*, Carlos Eduardo Lins da Silva (org.). São Paulo: Cortez Editora/Intercom, 1982, pp. 107-115.

PRIOLLI, Gabriel. "A Tela Pequena no Brasil Grande", in *Televisão & Vídeo*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, pp. 19-52.

RAMOS, Ana Maria. *Escola X Indústria Cultural. O Papel de uma Escola na Formação do Espírito Crítico em Relação aos Media*. Natal: UFRGN, 1983 (Tese de mestrado).

RAMOS, Roberto. *Grã-finos na Globo, Cultura e Merchandising nas Novelas*. Rio: Vozes, 1986.

RECTOR, Mônica T. *A Mensagem da Telenovela*. Rio: Tempo Brasileiro, 1973.

REZENDE, Guilherme Jorge. "Jornal Nacional comemora 15 anos", in *Cambiassu Estudos em Comunicação* 3, ano 2, UFMA, 2º semestre, Maranhão, 1984, pp 31-35.

REZENDE, Guilherme Jorge. *O Tele-espetáculo da notícia: Análise morfológica do conteúdo de uma semana (7 a 13 de janeiro de 1982) do Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão*. São Paulo: ECA/USP, 1985 (Tese de mestrado).

RIBEIRO, Matias José. "Os satélites vão levar todas as tevês do mundo para sua casa", in *Iris*, 369:32-4, abril 1984.

ROCHA FILHO, Aloísio da Franca. *Comunicação de Massa e Estado: Televisão e Política de Telecomunicações (1950-1975)*. São Paulo: ECA/USP, 1981 (Tese de mestrado).

SAMPAIO, Mário Ferraz. *História do rádio e da televisão no Brasil e no Mundo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

SAMPAIO, Walter. *Jornalismo Audiovisual: Teoria e Prática do Jornalismo no Rádio, TV e Cinema*. Petrópolis: Vozes, 1971.

SANTOS, Sílvio de Oliveira. *O Escolar e a Televisão*. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP, 1977 (Tese de mestrado).

SANTORO, Luiz Fernando. "O Rádio e a Televisão como objetos de ensino", in *Educação e Comunicação de Massas*. Revista de Cultura Vozes. Petrópolis, ano 74, vol. LXXIV (7): 513-518, setembro 1980.

SANTORO, Luiz Fernando. "Tendências populistas na TV Brasileira ou as escassas possibilidades de acesso às antenas", in *Populismo e Comunicação*, José Marques de Melo (org.). São Paulo: Cortez/Intercom, 1981, pp. 135-143.

SANTORO, Luiz Fernando. "Televisão e divulgação científica: um espaço para o fantástico", in *Comunicação & Sociedade*, No. 7 (março) 1982, pp. 101-106.

SARQUES, Jane J. "A discriminação sexual da telenovela: sua influência sobre a mulher brasileira", in *Teoria e Pesquisa em Comunicação*, José Marques de Melo (org.). São Paulo: Cortez/Intercom, 1983, pp.219-227.

SECRETARIA da Comunicação Social. *História Viva: A Televisão*. Fortaleza, 1985.

SILVA, Carlos Eduardo Potsch de Carvalho e. *Estratégia empresarial e estrutura organizacional nas emissoras de TV brasileiras (1950-1982)*. São Paulo: EAESP/ FGV, 1983. (Tese de mestrado).

SILVA, Flávio Luiz Porto e. *O Teleteatro Paulista nas Décadas de 50 e 60*. São Paulo: IDART, 1981.

SILVA, Maria de Fátima e MONTEIRO, Marion. "A História da TV no Brasil", in *Comunicação*, No. 31, Rio de Janeiro: Departamento de Jornalismo Bloch Editores, pp.20-23.

SIMÕES, Inimá F. "TV à Chateaubriand", in *Um País no Ar: História da TV Brasileira em Três Canais*. São Paulo: Brasiliense, 1986, pp. 11-121.

SODRÉ, Muniz. *A Comunicação do Grotesco*. Petrópolis: Vozes, 1971.

SQUIRRA, Sebastião. *Aprender Telejornalismo: Produção e Técnica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

STRAUBHAAR, Joseph Dean. *The Transformation of Cultural Dependence: The Decline of American Influence on the Brazilian Television Industry*. Washington, USA, The Fletcher School of Law and Diplomacy, 1981 (Tese de doutorado).

STRAUBHAAR, Joseph Dean. "O declínio da influência americana na televisão brasileira" in *Comunicação & Sociedade*, No. 9 (junho), 1983, pp. 61-77.

TÁVOLA, Artur da. *O Ator*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

TÁVOLA, Artur da. "O Padrão Global", in *Status*. São Paulo: Editora Três Ltda., janeiro

1985, No. 126, pp. 42-45.

TEODORO, Contijo. *Você entende de notícia?*. Rio: edição do Autor, 1979.

THIOLLENT, Michel. "Televisão, trabalho e vida cotidiana", in *Caderno Intercom*, São Paulo: Cortez/Intercom, ano I, No.2, pp. 44-55, 1982.

TILBURG, J.L.V. "O Estereótipo Visual da Telenovela", in *Revista de Cultura Vozes*, 7-5-20, setembro, 1975.

TILBURG, J.L.V. *O Estereótipo Visual da Telenovela Brasileira como Mecanismo de Educação Permanente*. Petrópolis, Centro de Informação e Documentação, 1981.

TUNSTALL, Jeremy. *The Media Are American*. New York: Columbia University Press, 1979.

VAMPRÉ, Octavio Augusto. *Raízes e Evolução do Rádio e da Televisão*. Porto Alegre: Feplam, 1979.

VIÁ, Sarah Chucid. *Televisão e Consciência de Classe*. Petrópolis: Vozes, 1977.

VEJA. "Os filhos do Direito de Nascer". São Paulo: Editora Abril, 7 de maio de 1969.
